



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Comunicação Social – Jornalismo  
Projeto Final em Jornalismo  
Profa. Orientadora – Nélia Del Bianco

**Folia do Divino Espírito Santo**  
**Caminhos de fé e tradição**

LORENA RODRIGUES SANTANA  
09/99652

Brasília – DF, fevereiro de 2013



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Comunicação Social – Jornalismo  
Projeto Final em Jornalismo  
Profa. Orientadora – Nélia Del Bianco

**Folia do Divino Espírito Santo  
Caminhos de fé e tradição**

LORENA RODRIGUES SANTANA  
09/99652

Memória de Pesquisa apresentada como um dos requisitos  
para conclusão do curso de Comunicação Social  
da Universidade de Brasília – UnB

Prof<sup>ª</sup>. Orientadora: Nélia Del Bianco

Brasília – DF, fevereiro de 2013.

**Dedico aos meus pais e  
à memória dos foliões.**

## **AGRADECIMENTOS**

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Nélia Del Bianco, pela dedicação e valiosa contribuição para o resultado deste trabalho. À equipe de 2012 da Folia do Divino Espírito Santo da Região das Posses pelo apoio, colaboração e confiança. Aos meus pais Joelma Santana e Pedro Santana pela ajuda incondicionada. À Michael Yanenko pelo companheirismo. A minha família de Água Fria por todo incentivo e ajuda, especialmente Vera Lobo, Estela Lobo, Felipe Lobo, Ana Chaves, Floriano Lobo, Joel Lobo e Lícia Lobo. A todos os alunos e companheiros de classe pelas trocas de experiências e convivência saudável durante todo o curso.

## RESUMO

O produto apresentado é um rádio documentário sobre a Folia do Divino Espírito Santo que acontece próxima à cidade de Água Fria - GO, cerca de 152 quilômetros do Distrito Federal. A região é conhecida como “das Posses”. O documentário é resultado do acompanhamento da folia durante os dias 18 a 22 de julho de 2012. A Folia do Divino Espírito Santo é uma festa tradicionalmente católica que ocorre todos os anos no Brasil. Nela, fiéis carregam a bandeira do Divino Espírito Santo em romaria e percorrem vários quilômetros a cavalo. Onde param, cantam e entregam as bênçãos do divino, representado pela bandeira. O produto aborda diversos aspectos que fazem parte do contexto da festa, como a dualidade existente entre o tradicional e o moderno e o sagrado e o profano. O documentário apresenta 5 programas com cerca de 10 minutos cada.

**Palavras chaves:** Folia do Divino Espírito Santo. Água Fria. Posses. Rádio documentário. Romaria. Bandeira. Moderno. Sagrado. Profano. Dualidade.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1**

INTRODUÇÃO .....	7
------------------	---

### **CAPÍTULO 2**

1. PROBLEMA DA PESQUISA .....	9
2. JUSTIFICATIVA .....	10
3. OBJETIVOS .....	13
4. REFERENCIAL TEÓRICO .....	14
4.1 ASPECTOS TÉCNICOS .....	17
5. METODOLOGIA .....	20
6. CONCLUSÕES .....	24
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....	27

### **CAPÍTULO 3**

ANEXO 1 - Cronograma .....	29
ANEXO 2 - Mapa.....	31
ANEXO 3 - Glossário .....	32
ANEXO 4 - Fotos.....	34
ANEXO 5 - Roteiros.....	39



## INTRODUÇÃO

A Folia do Divino Espírito Santo da região das Posses foi criada por pessoas que queriam resgatar a folia tradicional. O objetivo era reproduzir as romarias antigas que levavam as bênçãos do divino, representado pela bandeira, aos lugares que visitavam. Essa folia existe há 10 anos e tem-se popularizado ao longo do tempo.

O público mudou e o que ele procura na folia, muitas vezes, também. Muitas pessoas que participam da festa são alheias à parte devocional e, algumas vezes, incomodam os foliões que procuram a folia por seu aspecto sagrado. Os dois universos coexistem, criando um cenário onde o tradicional e o moderno e o sagrado e o profano dialogam constantemente.

Em consideração a esses aspectos, o produto desenvolvido visou mostrar a Folia do Divino Espírito Santo em face das contradições trazidas pela popularização crescente. É o fruto do acompanhamento da folia entre os dias 18 e 22 de julho de 2012. Foram cinco dias de coleta de material, incluindo entrevistas e registros sonoros do ambiente festivo.

Em 2012 a folia começou em uma quarta-feira, dia 18, e terminou no domingo, dia 22 de julho. Foram quatro pousos e seis paradas durante o giro. O rádio documentário é dividido em cinco programas com cerca de dez minutos de gravação cada. No primeiro programa o ouvinte conhece a origem da Folia do Divino Espírito Santo, características da festa assim que chegou ao Brasil, as transformações que passou e quem são os foliões de hoje em dia.

No segundo programa, é apresentada a rotina da folia feita há mais de 100 anos no Brasil. Nas vozes de pessoas que viveram a festa antiga, há testemunhos da rotina de uma Folia do Divino Espírito Santo de um tempo em que nem luz elétrica havia nos casebres do interior do país. Ainda no segundo programa, é apresentada a evolução da folia no Brasil e como ela se tornou cada vez mais popular.

O terceiro e quarto programas trazem uma mudança na linguagem do produto. Até aqui, a narração era voltada para o estilo de reportagem. Nesses programas, o caráter de documentário é mais presente e o ouvinte é convidado a participar da folia como um folião. No terceiro, o



narrador descreve a organização dos foliões para começar a folia. São apresentadas as funções dos foliões de frente e as etapas iniciais da festa.

O quarto programa começa assim que os foliões chegam ao primeiro pouso. Lá, os ouvintes têm a oportunidade de escutar as rezas, cantos e sons que fazem parte das obrigações da festa. É descrito tudo o que acontece no primeiro pouso até a partida dos foliões para a próxima parada.

O quinto e último programa traz um apanhado geral do que foi a folia da região das Posses em 2012. Nesse programa, alguns foliões comentam sobre a responsabilidade dos jovens em dar continuidade à festa e o papel deles na folia de hoje. No fim, o ouvinte acompanha a “desalvorada da folia”, que é o momento da entrega da bandeira aos organizadores da edição do próximo ano.

O final do programa apresenta o encerramento da festa.

## PROBLEMA DA PESQUISA

A Festa do Divino Espírito Santo existe há mais de 100 anos no país. Para permanecer durante tanto tempo, a festa se adaptou e adquiriu novas características e, muitas vezes, novos sentidos. Originalmente, a Folia do Divino Espírito Santo era uma romaria de devoção, onde fiéis carregavam a bandeira do divino por vários quilômetros em cavalos.

As mulheres não podiam participar da folia tradicional, só era permitido o som da catira e o namoro não era admitido. Características diferentes da folia de hoje. Nela, a devoção existe, mas divide cada vez mais espaço com o consumo de bebida alcoólica e com o som automotivo. É a parte profana que coexiste com a parte sagrada que, outrora, justificou a existência da festa.

A folia da região das Posses foi criada para resgatar os valores tradicionais que em outras folias cedia cada vez mais espaço à parte profana. No começo, assim que foi criada, foi mais fácil seguir este objetivo e a maioria dos foliões respeitavam a proibição do consumo do álcool e do som automotivo. Só que ao longo dos anos, a história da folia da região das Posses repetiu a história de muitas outras.

A folia se popularizou. Ganhou um público que, muitas vezes, não respeita os valores tradicionais da festa. O problema estudado foi a dinâmica existente entre as duas realidades, uma de devoção e outra de profanação. A folia ao incorporar e fazer coexistir dois universos tão distintos adquire novos valores e significados? Se os foliões conseguem fazer com que a parte profana e a sagrada, o antigo e o moderno, coexistam, surgiriam assim um novo sentido e significado para a festa?

Se a folia é feita pelo povo e para ele, nada mais lógico se o sentido da festa for dado por ele mesmo, ou seja, o povo. O radio documentário produzido buscou respostas a partir das vozes dos foliões, que são aqueles que coordenam, organizam e tocam a folia adiante. O objetivo foi expor e buscar entendimentos que justifiquem uma folia onde coexistem, algumas vezes de maneira não tão equilibrada, o antigo e o novo, a devoção e a profanação.

## JUSTIFICATIVA

A função do repórter é reportar aquilo que vê e sente da realidade que o circunda. É levar ao público o que existe e, muitas vezes, é desconhecido. É contar uma história que já faz parte da história de algum lugar, país ou cultura. O produto apresentado é relevante porque busca mostrar uma realidade muitas vezes distante dos grandes centros, mas que faz parte da cultura popular brasileira.

Fazer um trabalho sobre a Folia do Divino Espírito Santo é dar voz a uma parte do Brasil que muitos não conhecem. É dar voz a pessoas simples que durante anos dedicam suas vidas a uma festa que vai muito além do sentido festivo. É uma romaria justificada pela fé de quem acredita que a devoção vale todos os sacrifícios que a folia exige. Revelar esta parte do país ajuda a entender o que é ser brasileiro, com todos os sentidos e contradições que isso possa revelar.

O documentarista Julio de Paula, em palestra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage em dezembro de 2011, citando Mário de Andrade, comenta sobre essa possibilidade de revelar “brasis” por meio do rádio.

O rádio como meio de registro e divulgação de experiências do Brasil profundo, tem um tanto de nacionalismo do ponto de vista da salvaguarda do imaterial. Documentação que em última análise poderia ter serventia às comunidades retratadas. Em todo caso, tomando partido de lá, agrega-se e integra-se um espelho ao ouvinte, para que ele se reconheça em música, nos cantos, nos brincantes, nas atitudes sertão adentro, tão longe, tão perto. (informação verbal)<sup>1</sup>

O formato de rádio documentário foi escolhido porque ele possibilita mostrar as diferentes perspectivas que compõem a folia, como os sons ambientes, os sons dos cavalos no giro, os cantos e rezas. Se a folia é feita pelos foliões que dão a ela o sentido de existência e permanência, nada mais coerente conhecer e entender a festa sob o ponto de vista de alguém que participa dela e captar todo o ambiente que circunda esse participante.

<sup>1</sup> Palestra Rádio Documentário de Julio de Paula, em 11 de dezembro de 2011.

A raiz do documentário é a grande reportagem, o que indica que o documentário também pode ser uma maneira de noticiar, ou seja, tratar um assunto e explorar as diversas possibilidades de informação sobre ele. Como explica Carmem Lúcia José em “História Oral e Documentário Radiofônico: Distinções e Convergências” (2003, p. 6)

A grande reportagem pode ser considerada a formatação-matriz de onde se originou o documentário, ou seja, inicialmente, o documentário esteve muito próximo do texto jornalístico, porque ambos partiam de um fato ou acontecimento para fazer deles o referente, tema ou assunto, a ser tratado em alguns de seus aspectos, aspectos estes que são devidamente preestabelecidos pela pauta. (Lúcia José, 2003, p. 6)<sup>2</sup>

A Folia do Divino Espírito Santo é uma festa rica em detalhes e sentidos. Para documentá-la é preciso entender e representar toda essa complexidade e miscelânea presentes na festa. Nesse sentido, o formato do documentário é o que mais facilita a busca por esse objetivo. Carmem Lúcia, no mesmo texto, discorre.

O documentário, como o gênero que complexificou a reportagem, dota o fato de generalidade, transformando-o em tema; a documentação da notícia é multiplicada, porque não se reduz aos componentes do lead, e cada documentação pode se tornar um aspecto do tema; portanto, são vários recortes tratados para compor uma generalidade sobre o tema. (Lúcia José, 2003, p. 6)<sup>2</sup>

Durante cinco dias, acompanhei os devotos em todos os giros e obrigações e, nas entrevistas, cantos e sons ambientes, tento transportar o ouvinte a esta realidade de devoção. Ele é convidado a testemunhar como um folião o que acontece na festa e assim sentir a emoção que eles compartilham durante o festejo. É uma forma de contar a história da folia por dentro dela, se misturando com ela. O som traz memórias afetivas e provoca no ouvinte a sensação de estar presente à folia.

<sup>2</sup> Texto apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003

Mas, muitas vezes, o estar dentro da festa pode não permitir que o ouvinte tenha a dimensão correta da folia, já que o envolvimento emocional pode limitar a visão daquilo que de fato acontece. Para entendê-la melhor é preciso conhecer o contexto que a envolve. Por isso, o produto traz narrativas que contextualizam a festa, dão a referência histórica e temporal do festejo para que o ouvinte não apenas sinta a folia, mas também a sua história e as transformações por que passou ao longo do tempo.

Essa contextualização foi possível por meio de pesquisas anteriores à festa, que deram os elementos necessários para entender, por meio de uma visão crítica, o fenômeno da folia. Esse entendimento foi reforçado também por uma entrevista feita com a antropóloga da Universidade Federal da Paraíba, Prof<sup>a</sup> Lara Amorim, que ajudou a elencar características antropológicas da festa.

De posse dessas informações, fui a campo e busquei ilustrar a festa por meio dos sons que a compõem. Mas não só isto. Busquei observar o festejo usando como referência o que já havia pesquisado, o que me ajudou a fazer um recorte de tal maneira que me permitisse ilustrar melhor aos ouvintes a problemática da folia, qual seja, os momentos exatos em que se dão as contradições entre passado e presente e entre profano e sagrado.

## **OBJETIVOS**

O objetivo do rádio documentário é mostrar uma realidade que para muitos é desconhecida. É dar voz à devoção e à tradição de uma festa popular que faz parte da cultura brasileira e do povo que aqui vive. A intenção é mostrar a história da folia do Divino, as transformações que a festa sofreu ao longo dos anos e as razões que a faz ainda muito popular.

Um dos objetivos é entender qual é o sentido de permanência que justifica a existência da Folia do Divino Espírito Santo durante tantos anos. Para isso, por meio do rádio documentário o ouvinte se aproxima da realidade da festa, tanto no papel de um folião, quanto na visão analítica de alguém que enxerga a festa a partir do seu contexto histórico e social.

A intenção é aproximar o ouvinte de sua cultura e fazê-lo entender como ela se transforma ao longo do tempo. É mostrar como o moderno pode interferir e ressignificar o antigo, e a miscelânea de sentidos do que é ser brasileiro e do que é ser parte de uma cultura viva e em constante movimento.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Folia do Divino Espírito Santo é uma festa tradicional católica que ocorre todos os anos no Brasil, principalmente nas regiões sudeste e centro-oeste. A origem da festa foi em Portugal, no século XIV. Sobre a origem, diversos historiadores e pesquisadores dão pistas sobre o que de fato ocorreu, entre eles, Luís da Câmara Cascudo que estudou durante anos a cultura brasileira. Em muitos livros, esse autor escreveu sobre os traços que caracterizam e fortalecem a identidade do povo do Brasil. Para ele, as festas populares, dentre elas a Folia do Divino Espírito Santo, eram uma fonte inesgotável de pesquisa. No livro “Dicionário do Folclore Brasileiro”, Câmara Cascudo explica a origem da festa:

Festa religiosa, em Portugal, estabelecida nas primeiras décadas do séc. XIV, pela Rainha D. Isabel (1271-1336) casada com o Rei D. Diniz de Portugal (1261-1325). (Cascudo, 1952, p. 356)

Outro autor que se interessou pela Festa do Divino foi Neuza Mariano. Em sua obra, “O divino de Mogi: uma festa tradicional na metrópole”, ela explica que Portugal passava por uma crise no séc. XIV. Após superar o momento difícil, a rainha Isabel creditou o sucesso ao Divino Espírito Santo e em sua homenagem criou a Folia do Divino:

O reino de Portugal estava passando por uma terrível crise, a Rainha D. Isabel ofereceu ao Espírito Santo o cetro e a coroa reais. Isso significava que ela havia deixado sob os cuidados do Espírito Santo o reino de Portugal. A Rainha D. Isabel retirou-se no Convento de Santa Clara, retornando depois de o seu reino ter superado a crise. Em agradecimento ao Espírito Santo, ela promoveu uma festa em sua homenagem. (Mariano, 2005, p.7)

No livro “A festa do Divino Espírito Santo no Brasil contemporâneo: Uma etnografia de um rito popular em Goiás”, a antropóloga Lara Amorim explica qual foi o sentido da folia para o reinado e o povo de Portugal:

Uma Igreja do Espírito Santo foi construída em Alenquer e logo, fortemente propagada, a devoção tornou-se uma das mais intensas e populares, chegando a ser regulamentada no Código Afonsino (Amorim, 2002, p. 30)

Quando a festa chegou ao Brasil, tornou-se uma festa oficial. Era celebrada na rua e atraía centenas de pessoas. Foi no Rio de Janeiro que ganhou mais destaque e popularidade, já que era a cidade que concentrava o poder político e econômico do país à época. No livro “Festas e tradições populares do Brasil”, Melo Moraes Filho traduz o que representava a festa para a comunidade local:

Levando a todos os ares e a todos os lares o instrumentado anúncio da festividade anual, que faria convergir em um ponto determinado os habitantes de um termo qualquer, que geralmente se antecipavam em suas piedosas oferendas à grandiosa festa do Espírito Santo, sempre esplêndida e concorridíssima. (Moraes Filho, 2002, p. 34-35)

Também sobre a popularidade da festa, Valéria Macedo em “Os Impérios da Festa - A Festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX” explica:

As esmolas se multiplicam, fazendo pesar os sacos de moedas e a carroça enfeitada de velas para receber os leitões, frangos e doces a serem leiloados por ocasião da festa – esta sim, o acontecimento mais grandioso do calendário festivo da cidade. (Macedo, 1998, p.1)

No Brasil, não havia um clero local forte que organizasse a festa e por isso ela era feita pelo povo. O aspecto religioso era secundário e as pessoas procuravam na folia principalmente a diversão. Como explica Valéria Macedo:

Nesse universo, a festa católica ritualizava a convergência das oposições – deus e diabo, mal e bem, terra e céu, real e imaginário – procurando conciliar uma postura ascética de fuga do mundo com os desejos terrenos. (Macedo, 1998, pg.7).



O historiador Marcus Bretas no ensaio “Festas como maneira de entender vida urbana” também explica quais eram as características da festa brasileira, onde o principal protagonista era o povo:

A Igreja mesma oscilaria entre a defesa da tradição e formas mais espirituais de afirmação da fé, onde as festas teriam sido perdidas para um povo muito pouco preocupado com seus aspectos devocionais. (Bretas, 2000, p.1)<sup>3</sup>

Com o passar do tempo, chegaram ao país as ideias liberais e desenvolvimentistas da Europa. Elas influenciaram a percepção dos cidadãos brasileiros sobre sua identidade, o que acabou se refletindo nas festas de rua. A Folia do Divino Espírito Santo ficou mal vista nos grandes centros e foi empurrada em direção às cidades do interior. Sobre a mudança no Brasil e na festa, o historiador Marcus Bretas comenta:

Envelhecidos, a festa e o Estado seriam levados juntos pela enxurrada de progresso e civilização que buscava mudar o Brasil. (Bretas, 2000 p.1)<sup>3</sup>

Quando a folia chegou ao interior, encontrou um povo simples e alheio às transformações modernas que logo recebeu a festa como parte de sua identidade. Também nesse contexto, a folia assume novamente o caráter devocional que motivou sua criação.

A cultura tem características plásticas, o que indica que sempre está em mutação. Por isso, a partir dos anos 90, a cultura tradicional passa a ser novamente valorizada como uma resposta ao processo de homogeneização da cultura de massa. Nesse contexto, a Folia do Divino Espírito Santo é considerada novamente como algo interessante, começando a atrair outros segmentos.

A Folia do Divino Espírito Santo é uma representação genuína da cultura brasileira. Por isso, documentar a realização da festa é mostrar a identidade de parte do povo brasileiro que muitos desconhecem. É documentar as mudanças que o tempo trouxe e observar as aparentes contradições que não impedem que o antigo e o novo convivam no ambiente da folia.

<sup>3</sup> Publicado no Jornal do Brasil, 29/07/2000

## ASPECTOS TÉCNICOS

A escolha da radiofonia e, especialmente do gênero documental, possibilita revelar, no presente caso, a folia e sua dinâmica no tempo. No texto “Como fazer um documentário” (Alves, Kaplun, Mcleish, 1994, 1978, 2001) os autores indicam as possibilidades do rádio documentário. O texto diz que o gênero aborda sempre um tema relevante para o público e de importância social, que reflete a atualidade.

A Festa do Divino Espírito Santo faz parte da cultura brasileira e da construção de sua identidade, como aqui enfatizado. Mostrar a festa e toda a sua dinâmica por meio do rádio documentário, como ela se transformou ao longo do tempo e como o antigo e o novo se encontram em seu ambiente e se relacionam, é divulgar uma parte do que é ser um brasileiro. É revelar um Brasil dentro de tantos “Brasis”.

Entender e mostrar essa dinâmica, também é entender e mostrar a própria personalidade de tolerância, aceitação e miscigenação do povo brasileiro. Marcus Bretas comenta a dicotomia entre passado e presente na festa:

Qual a diferença entre a festa corrente e a festa do passado? Talvez uma das melhores respostas seja através da discussão da desordem. As festas presentes carregam sempre o fantasma desta desordem que a elite brasileira sempre se preocupou tanto em não permitir. (Bretas, 2000, p.2)<sup>3</sup>

O rádio documentário dá voz àqueles que fazem a festa e que, por última instância, justificam a sua existência. Carmen Lúcia José, em “História Oral e Documentário Radiofônico: Distinções e Convergências” escreve sobre as possibilidades da radiofonia:

Torna a apresentação plural e diversificada na medida em que várias vozes realizam seus depoimentos, tratando o assunto como um extenso eco; finalmente, democratiza o tratamento do assunto porque são os muitos pontos de vista. (Lúcia José, 2003, p.3)<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Texto apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003

<sup>3</sup> Publicado no Jornal do Brasil, 29/07/2000

Quando um entrevistado dá seu depoimento, ele não só diz o que lhe é perguntado. O jeito que fala, a entonação, o sotaque, os trejeitos e o tom emotivo da voz ajudam a contextualizar o que a festa representa para quem participa dela. Sobre isso, Carmem Lúcia discorre:

Suas formas modelares e seus elementos fixos construtores da sintaxe radiofônica; participam também da reminiscência pessoal quando “específica das experiências de vida do informante.”, isto é, quando pontua e tangencia o assunto com os índices testemunhais dos envolvidos. (Lúcia José, 2003, p.5)<sup>2</sup>

No texto “Como fazer um documentário” (Alves, Kaplun, Mcleish, 1994, 1978, 2001), o homem é colocado como elemento principal do gênero. Isso também acontece na folia, onde é o homem que dá sentido ao festejo. De acordo com o texto, o protagonista principal do documentário é o homem com suas qualidades, defeitos, virtudes, desejos, sonhos.

Com o gravador na mão, o repórter dá ao outro a oportunidade de se mostrar como ele é. A intenção é minimizar os estereótipos e de se aproximar o máximo possível da realidade. São várias pessoas que dão opiniões variadas sobre a mesma festa. Testemunhos que ajudam a entender e perceber o mosaico que representa a folia.

Já o documentário, orientado para confeccionar uma generalidade sobre algum tema, envolve-se com vários “quens” como representantes dos muitos e variados pontos de vista do mesmo o quê, isto é, o tema está distribuído em aspectos representados pelas muitas e variadas vozes das sonoras, que participam do tema com suas lembranças e recordações, com suas opiniões e gostos, expondo-se independentemente de qualquer fato. (Lúcia José, 2003, p.8)<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Texto apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003

O jornalista Julio de Paula, em uma palestra sobre rádio documentário na Escola de Artes Visuais de Parque Lage no Rio de Janeiro em dezembro de 2011, fala sobre isso:

O impulso da criação vem de um exercício de escutar, olhar e vivenciar com o outro. Vem também do desejo de revelar o contemporâneo encoberto, ou um passado apagado no túnel do tempo. O rádio que buscamos é o rádio que acredita na escuta. Que transporta o ouvinte aos tempos imemoriais. (informação verbal)<sup>1</sup>

A intenção do rádio documentário é transportar o ouvinte para a realidade da folia e fazê-lo entender a festa a partir de vários elementos que possam caracterizá-la. Como é impossível abarcar toda a complexidade que envolve a folia, o ponto de vista para apresentação do tema foi passado e o presente, o tradicional e o moderno convivendo na festa. Sobre esses recortes no tema, o documentarista Julio de Paula comenta:

Como o registro está condicionado a um tempo e a um espaço físico, sempre um documentário será um ponto de vista, um recorte, uma impressão sobre um personagem, sobre uma comunidade, sobre um assunto. (informação verbal)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Palestra Rádio Documentário de Julio de Paula, em 11 de dezembro de 2011

## METODOLOGIA

O primeiro passo para a criação do rádio documentário foi uma pesquisa anterior a festa. Foi consultado material sobre a história da folia, sobre as características antropológicas da festa, como as que indicam quem são os foliões, em que contexto vivem e quais são suas expectativas, e sobre as transformações na festa. Além da pesquisa, foram realizadas entrevistas anteriores a folia.

Foram entrevistados os foliões que criaram a festa na região das Posses. Isso se fez necessário para entender como ela surgiu e quais suas características predominantes, já que as folias, apesar de terem características em comum, diferem umas das outras em detalhes, dependendo de quem as realiza e do local onde são realizadas.

Outra entrevista foi com a antropóloga Lara Amorim. As informações da especialista ajudaram a entender e contextualizar elementos, como o consumo de bebida alcoólica, aumento da parte profana e a tendência de espetacularização do festejo. Nesse primeiro momento, que envolveu as pesquisas e entrevistas, foi possível entender melhor o que significa a folia do divino e assim delinear quais seriam as linhas norteadoras da montagem e produção do rádio documentário.

Para fazer o rádio documentário era essencial estar na festa e participar dela como uma folião. Apenas dessa maneira seria possível captar os sons que a compõem no calor do momento, na hora das rezas, cavalgadas e cantorias, e com isso, mostrar, com máxima verdade possível, como de fato acontece uma folia do divino.

Por isso acompanhei a Folia do Divino Espírito Santo na região das Posses durante cinco dias, do começo até o final da festa. No primeiro dia, procurei gravar todos os cantos e rezas em todos os seus momentos. Fiz entrevistas com os foliões que participavam dos cantos, aqueles que estavam identificados como foliões de frente da folia e os que não estavam diretamente envolvidos com as obrigações.

Nas primeiras entrevistas, busquei respostas sobre as funções de cada um. Além disso, sempre perguntava ao entrevistado o que significavam a folia e o Espírito Santo para ele. As respostas

ajudaram a compor o sentido da festa e do próprio rádio documentário, porque justificavam a existência do festejo e seu valor para aquela comunidade.

Em todos os momentos procurei registrar o som ambiente. Conversas, músicas, trote de cavalos e a preparação para as rezas. A intenção era transportar o ouvinte até àquele ambiente e ajudá-lo a entender quem são as pessoas que participam da folia. Antes do jantar ser servido, por exemplo, gravei as cozinheiras e a movimentação na cozinha, os sons das panelas e das conversas.

Na hora da catira, captei o som das batidas dos pés no chão do tablado e o toque das violas dos catireiros. Também captei as conversas entre os foliões, alternadas pelos goles de bebida alcoólica. No dia seguinte ao primeiro pouso, logo de manhã, gravei o despertar da caixa, os preparativos para a partida, o café da manhã e as rezas.

Acompanhei a folia montada em um cavalo. Por isso, girei ao lado dos foliões de frente, trotando e captando os sons da estrada. Assim que o pelotão de foliões chegava às fazendas que dariam o pouso, gravei a espera pelo sinal dos anfitriões de que os cavaleiros poderiam entrar. Gravei os fogos de artifício anunciando a entrada e os sons do cavalo fazendo o coração na porta da fazenda.

A partir do segundo pouso, as obrigações se repetiram, por isso não me preocupei em gravar todos os momentos como no primeiro. O que fiz foi tentar achar curiosidades e diferenças entre um pouso e outro que pudessem ser relevantes para o documentário. Um exemplo foi no último pouso onde o som das mussungas me chamou a atenção.

Esse pouso aconteceu no sábado em uma fazenda próxima à rodovia e que por isso facilitava a chegada de pessoas. Talvez por essa razão, era o dia em que havia mais foliões nas mussungas. Captei os sons desse novo ambiente, das músicas sertanejas e dos jovens exaltados pelo consumo do álcool.

Para ajudar a entender aquele cenário, direcionei as perguntas para a aparente contradição entre passado e presente, tradição e modernidade, sagrado e profano. Partindo dessa perspectiva, os

entrevistados começaram a dar suas opiniões sobre o futuro da folia e sobre a identidade daqueles novos foliões que vêm ocupando o espaço da festa de maneira crescente.

Na hora de montar o roteiro, procurei apresentar a folia na perspectiva da oposição entre tradicional e moderno. O rádio documentário é composto por cinco programas. Três deles estão em formato de reportagem. Isso porque eles são usados para contextualizar o ouvinte sobre a história da folia, sua mudança ao longo do tempo e outros aspectos práticos da festa.

O primeiro programa apresenta o tema, um breve histórico e dá pistas do que motiva as pessoas a participarem da folia. Já o segundo, mostra a evolução da festa durante os anos e como essas transformações vêm sendo incorporadas à folia moderna. Na tradução de Roberto Braga do texto “*Making Documentary Films and Reality Videos*” De Barry Hampe, o autor ensina como deve ser o início de um documentário:

O começo coloca o tema, faz a pergunta, ou mostra algo novo ou inesperado. Dá a partida no documentário e levanta a expectativa do público. (...) Na parte inicial do documentário, coloca-se uma breve apresentação do tema, o problema que será tratado, as principais pessoas envolvidas, ou seja, tudo aquilo que o espectador precisa saber para que o documentário avance. (Hampe, 1997, cap. 10, tradução Roberto Braga)

Os dois primeiros programas são uma espécie de preparação para o terceiro e quarto, onde o ouvinte é convidado a participar da folia como um folião. É onde entra o gênero documental, mas emotivo e artístico. Essa mistura de gêneros dentro do documentário é citada por Carmem Lúcia:

Introdução no roteiro do documentário de outras estruturas textuais (por exemplo, crônicas, notícias jornalísticas, poesias, frases que marcaram a personalidade em questão, etc.) numa estruturação que paradigmatisa o aspecto do tema. (Lúcia José, 2003, p. 11)

O terceiro e quarto programas apelam aos ouvintes para que entendam a folia não sob o ponto de vista analítico, mas sob o ponto de vista de uma pessoa que participa da festa e se envolve em cada momento. O texto “Como fazer um documentário”, fala sobre o gênero do documentário:

É um gênero que transita entre a comunicação objetiva e subjetiva, entre o jornalismo e o artístico. (...) Deve ser um programa profundo, porém atrativo, belo, fácil de entender e grande sensibilidade poética. (...) O documentário reúne uma sólida estrutura argumentativa com habilidade de dramaturgia, a veracidade de honestidade da informação. Enfim a objetividade e a subjetividade, o jornalismo e o artístico. (Alves, Kaplun, Mcleish, 1994, 1978, 2001)

Nesses programas, para descrever a folia e ambientar o ouvinte, diversos recursos sonoros são utilizados. É onde o gênero do documentário entra. O som ambiente, o som dos instrumentos, som dos cavalos no chão de terra, som dos fogos de artifício, tudo é reproduzido e ajuda a compor o ambiente da festa e a inserir o ouvinte naquela realidade. O texto “Como fazer um documentário”, também fala sobre isso:

Aproveite o poder de sugestão do meio estimulando a imaginação do ouvinte com a utilização de recursos sonoros. (...) Os ambientes, efeitos e música podem ser um personagem a mais, porque contribuem para complementar e enfatizar situações. Os efeitos constituem em si uma linguagem. (Alves, Kaplun, Mcleish, 1994, 1978, 2001).

O quinto programa é do gênero da reportagem. Isso porque, ele é usado como uma conclusão de tudo que foi apresentado até ali. O ouvinte que já conheceu a história da festa, que já escutou as transformações pelas quais ela passou, que participou da folia como um folião, finalmente pode encerrar essa experiência com as conclusões apresentadas no quinto e último programa.

A parte final é a sequência final na qual a resolução amarra os pontos soltos, encaminha o tema e completa o documentário para o público. (Hampe, 1997, cap. 10, tradução Roberto Braga)

No quinto programa ainda, há o desfecho em que é apresentado o balanço dos pousos e dos giros. Nesse programa o ouvinte pode testemunhar as consequências que o tempo trouxe para a folia. Além disso, pode ouvir como a festa adquiriu um novo tipo de público que busca outros sentidos e como o futuro da folia vai sendo desenhado aos poucos por esses novos foliões.



## CONCLUSÕES

A Folia do Divino Espírito Santo ganhou novas características com o passar do tempo, mas não deixa de fazer sentido para quem participa dela. É uma festa para o povo e feita por ele, e é capaz de agradar a todos os públicos, sejam aqueles que participam por devoção ao Divino sejam aqueles que desejam apenas se divertir e encontrar amigos.

A folia originalmente era uma forma de viver e experimentar a fé longe dos dogmas da Igreja, e teve continuidade pela motivação das pessoas que queriam apenas exercer a própria crença no Divino. Com a popularidade, as razões de permanência da festa foram mudando e os foliões também.

Antes, apenas homens adultos podiam participar, o som permitido era só o das violas e das rezas, e o namoro era proibido. As casas tinham pouca estrutura, os foliões dormiam muitas vezes ao relento. O único transporte usado eram os cavalos, que tinham guardados em seus lombos todos os mantimentos que seriam usados durante o giro.

Hoje, mulheres e crianças já são grande parte dos foliões. Ainda existem a viola e as rezas, mas dividem espaço com o forró e o sertanejo. O namoro já não é mais proibido e tantas outras regras já foram flexibilizadas. Na folia moderna, existe o conforto da luz elétrica, do carro e da água quente para tomar banho assim que se chega ao pouso.

Com certeza é outra folia, mas que ainda mantém a parte da devoção que motivou a criação da festa. Quem participa procura coisas distintas, e normalmente consegue encontrar o que quer. Seja fé, devoção, amigos, namoro ou festa. Tantas possibilidades talvez sejam a explicação da folia ainda ser popular depois de anos de existência.

Acompanhar a folia, girar a cavalo e fazer parte daquele ambiente foram essenciais para entender a dinâmica, os sentidos de permanência e as perspectivas para o futuro da festa. Nas vozes de quem participou, foi possível chegar mais perto daquela realidade e entender com mais detalhes o que é a Folia do Divino Espírito Santo na região das Posses.

A mistura do passado e do presente, do sagrado e do profano é percebida em cada detalhe. Tentar resumir a folia em um só sentido ou uma só característica é simplificá-la.

Foi possível perceber que não há como prever como será a folia daqui para frente, ou se a parte profana ganhará cada vez mais espaço em detrimento da sagrada.

Mas foi positivo entender a importância de se documentar e divulgar essa celebração. A folia do divino é uma tradição passada de pai para filho, de boca em boca, e registrá-la pode ser um meio de preservação. A folia é um costume que, se não for cuidado e perpetuado, talvez possa não mais existir.

Escutar e documentar aquilo que foi dito e feito é uma maneira de guardar os detalhes que muitas vezes só estão na cabeça de quem participa. E além do sentido de preservação, divulgar a folia é uma maneira de os brasileiros conhecerem e se identificarem com a festa em alguma medida.

O rádio documentário então dá a oportunidade para que muitos possam conhecer essa parte do Brasil e se sintirem tocados pela religiosidade simples do povo do campo. Esse gênero permitiu contar uma história e aproximar o ouvinte daquela realidade. Os sons ambientes e outros que foram captados ajudaram a compor um cenário em que o ouvinte foi convidado a tirar as próprias conclusões e julgamentos sobre a festa.

Outra característica importante do rádio documentário é a permissão que ele concede para a mistura de gêneros dentro de um mesmo produto. Ao lado do caráter documental, foi possível explorar o formato da reportagem que somada ao documentário, contextualizou o tema e deu um caráter mais reflexivo ao assunto.

Com o gravador na mão, o repórter se transforma em porta voz daquilo que vê, ouve e sente. É apenas um instrumento para transmitir adiante aquilo que viveu e experimentou da realidade à sua volta. Retratar a folia foi ser testemunha de uma festa viva, em constante transformação e cheia de sentidos para quem participa. Foi ser parte de um universo que permitiu ser mostrado em toda a sua complexidade e passar esse conhecimento para frente, com o objetivo de manter e guardar aquilo que faz parte do Brasil.

Ter a oportunidade de documentar a festa ajudou a entender as diversas possibilidades de um repórter para transmitir informações. O processo de construção do produto me ajudou a perceber que a informação não se resume a fatos ou acontecimentos, mas também é feita por detalhes que ajudam a dar significado e profundidade àquilo que se documenta.

Foi um treino para o olfato, o tato e a visão, que de maneira desafiadora deveriam ser transportados para um só sentido, o da audição. Sentido que foi usado em todos os momentos de maneira afiada, atenta e receptiva, pronto para o novo, para o inesperado, para o espontâneo presente em cada momento da festa.

Em contra partida, a audição deveria se transformar no canal para todos os outros sentidos, já que para o ouvinte, o som deveria remeter a memórias visuais, de tato e de olfato. Um exemplo é quando descrevo o trote dos cavalos e coloco o som das patas do animal na estrada. Intuitivamente é fácil imaginar a situação mentalmente, visualizando o cavalo, o giro dos foliões e o chão de terra.

Isso me ajudou a entender que o repórter deve ser sensível a ponto de perceber que tudo pode ser informação e que tudo pode ser útil para aquilo que se deseja reportar. Isso porque, as informações são vivas e complementares, sensação que ganha nitidez quando se lida diretamente com pessoas, sejam elas como protagonistas daquilo que se documenta, ou como público.

Durante a produção e realização do rádio documentário percebi o quanto a observação é valiosa para captar as informações do ambiente. É preciso ser um observador atento aos detalhes e as sutilezas que muitas vezes são a parte principal da informação. Também percebi que o repórter precisa estar aberto para o novo e deve evitar ideias pré-concebidas sobre determinado assunto, ou tema, para que assim consiga aceitar e receber tudo o que o mundo ao redor oferece.

A sensibilidade é essencial para captar a riqueza de detalhes e para se aproximar de pessoas, extraindo delas o que de melhor podem dizer sobre a situação retratada, no caso, a Folia do Divino. Foi uma experiência enriquecedora do ponto de vista profissional e pessoal, porque me mostrou o quanto a entrega a um trabalho pode resultar em beleza, informação e crescimento

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Martha. O império do divino – Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1990), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000

ALVES, Walter Ouro. KAPLUN, Mário. MCLEISH, Robert. Como fazer um documentário. 1978,1994,2001.

AMORIM, Lara. A festa do Divino Espírito Santo no Brasil contemporâneo: Uma etnografia de um Rito Popular em Goiás. Brasília: Editora Abril, 2002

BRETAS, MARCUS. Festas como maneira de entender vida urbana, Jornal do Brasil, 29/07/2000

CÂMARA CASCUDO, Luís da. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª ed., Ediouro, Rio de Janeiro, 1998.

D'Abadia, M. I. V. & ALMEIDA, M. G. de. Festas Religiosas e a Pós-modernidade. Goiânia: GEONORDESTE, Ano XX, n. 2, 2009

HAMPE, Barry. Escrevendo um documentário. New York: Henry Holt and Company, 1997.  
Tradução: Roberto Braga.

LÚCIA, Carmem José. História Oral e Documentário Radiofônico: Distinções e Convergências.  
In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, MG. 2003.

MACEDO, Valéria. Os Impérios da Festa: a festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX. São Paulo: Pletora, n.2, ano 2, 1998

MARIANO, Neusa de Fátima. O divino de Mogi: uma festa tradicional na metrópole. São Paulo: USP, Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005

MELLO E SOUZA, Marina. Sob o prisma da festa. Folha de São Paulo, Jornal de Resenhas, 2000

MORAIS FILHO, Melo. Festas e tradições populares no Brasil. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

PAULA, Julio. Rádio documentário. In: Seminário "Entreouvados no Parque: sobre rádio e plásticas sonoras". Rio de Janeiro, RJ: Escola de Artes Visuais do Parque Lage, 2009.

SCHWARCZ, Lília Moritz. As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. Rio de Janeiro, Editora Schwarcz, 1998

VELOSO, Graça. A visita do Divino. Brasília: Editora Thesaurus, 2009

### **Entrevistas**

Lara Amorim – Antropóloga da Universidade Federal da Paraíba

Foliões:

Vanderlei Ferreira Cardoso, Ivonil Xavier, Beto Sabino, Joaquim de Sousa, Luzia Rita de Andrade, Maria Auxiliadora Teixeira Ramos, Maria de Fátima Paiva, Alcides Alves da Silva, Ivonildo Pires, Dieze Torres, Padre Darci Neres da Rocha, Antônio Pedro Silva, Iago Lima, Anísio Pereira Cardoso, Maria Carmem Cardoso, Quinca Ribeiro, Murilo de Sousa, Oderico de Sousa, Vera Lobo, Marcos Maciel, Neide Lopes.

## ANEXO 1

### **Cronograma**

#### **2011**

##### **2º semestre:**

- Pré-projeto – Definição do tema e pesquisa das referências bibliográficas.

#### **2012**

##### **Janeiro, fevereiro e março:**

- Leitura da bibliografia e resenhas dos textos.

##### **Abril e maio:**

- Escrever roteiro das entrevistas pré-folia e realizá-las.

##### **Junho de 2012:**

- Montar o roteiro de cobertura da folia e das entrevistas feitas durante a festa.

##### **Julho de 2012:**

- Dias 18 a 22 – Cobertura da Folia do Divino Espírito Santo na região das Posses – GO.

##### **Agosto e setembro:**

- Decupagem das entrevistas, pesquisa histórica da folia e determinação dos temas centrais do documentário.

##### **Outubro:**

- Fazer 1ª versão do roteiro do rádio documentário.

##### **Novembro:**

- Entregar a 1ª versão e fazer as edições necessárias.

**Dezembro:**

- Entregar 2ª versão e fazer a Memória do produto

**2013****Janeiro:**

- Edição das sonoras, gravação do OFF, montagem do rádio documentário e finalização do produto

**Fevereiro:**

- Defesa do produto

## ANEXO 2

## Mapa do entorno do Distrito Federal



A área em amarelo é o município de Água Fria, onde também está localizada a cidade de mesmo nome. A região das Posses fica dentro do município.



### ANEXO 3

#### Glossário

**Cantorios:** Músicas cantadas durante a folia para louvar o Divino e agradecer pelas bênçãos.

**Catira:** Dança tradicional goiana ritmada pelo toque da viola caipira e pela batida dos pés e das mãos.

**Catireiros:** Quem dança e toca a viola durante a catira.

**Cavalgada:** Grupo de pessoas a cavalo.

**Desalvorada:** Momento final da folia. Entrega da bandeira para a equipe do próximo ano.

**Foliões:** Pessoas que participam da folia.

**Giro:** Caminho percorrido entre um pouso e outro. Geralmente feito a cavalo.

**Muçungas:** Acampamentos que possuem cozinha e banheiro próprios.

**Obrigações:** As etapas da Folia do Divino, o que inclui cantos e rezas.

**Pouso:** Local onde os foliões fazem as obrigações da folia. Também é onde se alimentam e dormem.

**Romaria:** Reunião de pessoas em passeio ou visita a um determinado lugar.

**Tablado:** Superfície de madeira onde os foliões dançam a catira.

## ANEXO 4

## Fotos



Altar - 1º pouso



**Cruzeiro – 1º pouso**





**Cantorio no cruzeiro – 1º pouso**



**Fila para o almoço – 1º pouso**



**Fila para o almoço – 1º pouso**





**Espera para entrar no 2º pouso**



**Fazenda do último pouso**



**Foliões beijando a bandeira após o fim da folia. Quem segura o mastro é o alferes de 2013.**



**Foliões cumprimentando o alferes de 2013**

## ANEXO 5

### ROTEIROS

Nome Série: Folia do Divino Espírito Santo. Caminhos de fé e tradição.

Número e Título do programa: nº1 – História e devoção na Folia do Divino Espírito Santo

Redação e Produção: Lorena Santana

**Tec:** VINHETA DE ABERTURA

HISTÓRIA E DEVOÇÃO NA FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

**Loc:** TODOS OS ANOS, EM VÁRIAS REGIÕES DO BRASIL, É REALIZADA A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, UMA FESTA DE TRADIÇÃO PORTUGUESA. A SÉRIE DE CINCO PROGRAMAS ABORDA A HISTÓRIA DA FOLIA, AS MUDANÇAS, A FESTA NO PRESENTE E AS EXPECTATIVAS PARA O FUTURO. O PRIMEIRO PROGRAMA APRESENTA A DEVOÇÃO E AS RAZÕES DE PERMANÊNCIA DA FOLIA AO LONGO DO TEMPO.

**BG**

SOM DA VIOLA E DA CAIXA

**OFF**

JULHO CHEGOU. É A FOLIA DO DIVINO. CHEGOU O ESPÍRITO SANTO.

**BG**

SOM DA CHEGADA AO POUSO

**SONORA**

O ESPÍRITO SANTO COMO ELE É DE TODOS, ELE É TRINO, ELE É UNO, ELE É DEUS. ELE AGE NO CORAÇÃO DA GENTE DESDE A NOSSA CONCEPÇÃO.

**BG**

SOM DA CHEGADA AO POUSO

**OFF**

TODOS OS ANOS CENTENAS DE PESSOAS SE REÚNEM PARA FESTEJAR O DIVINO.

**BG**

SOM DA CHEGADA AO POUSO

**OFF**

ANDAM A CAVALO POR ESTRADAS DE TERRA.



**BG**

SOM DA CHEGADA AO POUSO

**OFF**

CARREGAM A BANDEIRA, SÍMBOLO DO DIVINO.

**SONORA**

A PRIMEIRA COISA QUE EU ME LEMBREI É QUE EU NÃO ESTAVA SOZINHA,  
PORQUE O ESPÍRITO SANTO ESTAVA ALI COMIGO.

**BG**

SOM DO CANTORIO DO ALTAR

**OFF**

CANTAM.

**BG**

SOM DO CANTORIO

**OFF**

REZAM.

**BG**

SOM DA LADAINHA

**OFF**

E CELEBRAM A FÉ

**BG**

SOM DAS VIVAS PARA O ESPÍRITO SANTO

**OFF**

PARA QUEM PARTICIPA, A FOLIA É BENÇÃO.

**BG**

SOM DO CANTORIO DO ALTAR

**SONORA**

ELE VEM AQUI BUSCAR UMA BENÇÃO, ELE VEIO AGRADECER UMA BENÇÃO QUE  
ELE TEVE.

**BG**

SOM DO ALTAR

**SONORA**

ONDE O DIVINO VAI AS BENÇÕES VÊM, É ASSIM. A GRATIDÃO É ESSA, DE  
RECEBER TUDO ISSO.

**OFF**

MAS O PRINCIPAL OBJETIVO É UM.

**BG - FUNDE COM SONORA**

SOM DO CANTORIO DO ALTAR

**SONORA**

ENTÃO A FOLIA É UMA MANEIRA DA GENTE TRAZER O ESPÍRITO SANTO PARA A GENTE.

**BG**

SOM CANTORIO

**OFF**

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO É ANTIGA. MAS AINDA MUITO POPULAR. ATRAI ADULTOS, JOVENS E CRIANÇAS. ÀS VEZES ATRAI FAMÍLIAS INTEIRAS. DIEZE TORRES É UM DOS QUE NÃO PERDE O FESTEJO.

**SONORA**

PARA MIM É GRATIFICANTE. TEM FÉ NE? TEM QUE TER FÉ MESMO NO DIVINO. É UM POUQUINHO MEIO SOFRIDO MAS É BOM.

**BG**

SOM CANTORIO

**OFF**

O VIOLEIRO ANTÔNIO PEDRO É UMA DAS CENTENAS DE PESSOAS QUE PARTICIPAM DA FESTA TODOS OS ANOS NA REGIÃO DAS POSSES, PERTO DA CIDADE DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS.

**SONORA**

PARA MIM É A MELHOR COISA. EU LARGO QUALQUER FESTA. PODE TER UMA FESTA DE PAREIA COM A MINHA CASA E UMA FOLIA TIRADA DE CEM, DUZENTOS KILÔMETROS. POIS EU VOU PRA FOLIA E LARGO A FESTA.

**BG**

SOM FADO

**OFF**

A ORIGEM DA FOLIA DO DIVINO É EM PORTUGAL, NO SÉCULO CATORZE. A RAINHA ISABEL, CASADA COM REI DOM DINIZ, DECIDIU ENTREGAR O DESTINO DO PAÍS AO ESPÍRITO SANTO QUANDO O IMPÉRIO PASSAVA POR UMA CRISE.

**BG**

SOM FADO

**OFF**

A RAINHA OFERECEU AO DIVINO O CETRO E A COROA. DEPOIS, PARTIU PARA O CONVENTO DE SANTA CLARA ONDE REZOU PELA PROTEÇÃO DE PORTUGAL.

**BG**

SOM FADO

**OFF**

O DIVINO ESCUTOU AS PRECES. A CRISE FOI EMBORA E TROUXE UM NOVO TEMPO DE ESPERANÇA. EM AGRADECIMENTO A RAINHA ISABEL ORGANIZOU UM FESTEJO: A FOLIA DO DIVINO. BETO SABINO É MORADOR DE PLANALTINA NO DF. É FOLIÃO E GUIA DE FOLIA. EXPLICA.

**SONORA**

ELA TEVE UMA SITUAÇÃO MUITO DIFÍCIL NA QUAL ELA SE EMPENHOU A DEUS E DESCOBRIU O PODER DO ESPÍRITO SANTO.

**OFF**

A RAINHA ISABEL DECIDIU QUE O SÍMBOLO DA FOLIA SERIA UMA POMBA EM UM MANTO VERMELHO. ELA BORDOU NA SEDA RAIOS DE LUZ E UMA POMBA BRANCA COM ASAS ABERTAS.

**SONORA**

E POR ELA SER VALIDA E ABENÇOADA ELA TAMBÉM DESCOBRIU QUE O ESPÍRITO SANTO ANDA SOBRE NÓS SOBRE UMA POMBA, ELE DESCEU SOBRE NÓS COMO UMA POMBA.

**BG**

SOM FADO

**OFF**

COM O TEMPO A FOLIA SE TORNOU POPULAR EM PORTUGAL. ERA FESTA NOBRE QUE REUNIA FIDALGOS EM TORNA DA DEVOÇÃO AO ESPÍRITO SANTO. O REI OFERECIA COMIDA E DIVERSÃO.

**BG**

SOM FADO

**OFF**

O BRASIL ERA COLÔNIA DE PORTUGAL. NÃO DEMOROU E A FESTA DO DIVINO CHEGOU ÀS TERRAS TUPINQUINS NO SÉCULO DEZESSEIS. AQUI A FOLIA PASSOU POR MUDANÇAS. QUEM AFIRMA É A ANTROPÓLOGA DA UNIVERSIDADE DA PARAÍBA LARA AMORIM.

**SONORA**

A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO É UMA FESTA QUE SURGE DENTRO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS E QUANDO ELA CHEGA NO BRASIL ELA JÁ VAI PASSAR POR UMA SÉRIE DE MODIFICAÇÕES E A CULTURA POPULAR TEM ESSA CAPACIDADE PLÁSTICA.

**OFF**

NÃO HAVIA NO BRASIL UM CLERO FORTE QUE ORGANIZASSE A FESTA. E, POR ISSO, A FOLIA ERA FEITA PELO POVO.

**BG**

SOM FESTA DE RUA

**OFF**

ENTRETANTO, O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E A INFLUÊNCIA DAS IDEIAS LIBERIAS VINDAS DA EUROPA MUDAM AS CIDADES. DE ACORDO COM LARA, AS FESTAS DE RUA PASSARAM A SER VISTAS COMO SUBVERSIVAS E ATRASADAS.

**SONORA**

DEPOIS COM O ESTADO MAIS MODERNO, A RELIGIÃO E AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS FICARAM UM POUCO EM SEGUNDO PLANO, COADJUVANTES, ENTÃO ELAS FORAM AFASTADAS MAIS PARA AQUELAS FESTINHAS DE QUERMESSE. ENTÃO ELA PERDEU AQUELA, AQUELE LUGAR CENTRAL E FICOU MUITO MAIS ASSOCIADA AO MUNDO RURAL.

**OFF**

A FOLIA DO DIVINO VIROU SINÔNIMO DA FOLIA DE ROÇA E DO UNIVERSO DO HOMEM DO CAMPO. LARA COMPLETA.

**SONORA**

FESTA DE QUERMESSE ATÉ CHEGAR NO CARA MAIS, VAMOS DIZER, NA PIRÂMIDE SOCIAL AQUELE QUE ESTÁ MENOS FAVORECIDO.

**BG**

SOM DA ORQUESTRA CAPIRA

**OFF**

A ANTROPÓLOGA LARA AMORIM EXPLICA QUEM FORAM OS MORADORES DA ZONA RURAL QUE CONTINUARAM A TRADIÇÃO DA FESTA.

**SONORA**

A FOLIA DO ESPÍRITO SANTO QUE EU ESTUDEI, QUE É A DA ROÇA, ELA ACONTECE EM UM CONTEXTO DE LAVRADORES, AGRICULTORES, DE UMA COMUNIDADE CAMPONESA QUE VIVE NO CAMPO E QUE DE ALGUMA MANEIRA ESTARIA MAIS DISTANCIADA DO MUNDO MODERNO, DA CULTURA DE MASSA.

**BG**

SOM DA VIOLA CAPIRA

**OFF**

SÃO PESSOAS DISPOSTAS A ENCARAR VÁRIOS KILÔMETROS EM CIMA DE UM CAVALO, COMO NEIDE LOPES AJUDANTE DE CANTORIO NA FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES, PERTO DA CIDADE DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS.

**SONORA**

A GENTE ANDA LÉGUAS, SOBE SERRA, ANDA A CAVALO, ATRAVESSA RIO CHEIO.

**BG**

SOM DOS CAVALOS NA ESTRADA

**OFF**

DISPOSTAS A DORMIR EM BARRACAS MUITAS VEZES SEM CONFORTO, COMO FAZ O TOCADOR DE RECO-RECO, VANDERLEI CARDOSO MORADOR DE PLANALTINA, NO DF.

**SONORA**

VOCÊ MONTA BARRACA AQUI HOJE, AMANHÃ VOCÊ TEM QUE MONTAR PARA OUTRO POUSO. TOMAR BANHO VOCÊ TEM QUE IR NO RIO. AQUI TEM MORDOMIA NÃO, MORDOMIA SE QUIZER TEM EM CASA NE.

**OFF**

CAPAZES DE SACRIFICAR ATÉ MESMO O PRÓPRIO TRABALHO, COMO O CAIXEIRO IAGO LIMA. QUANDO ELE SERVIA AO EXÉRCITO, DEIXOU DE COMPARECER AO QUARTEL PORQUE FOI ACOMPANHAR A FOLIA.

**SONORA**

FALTEI UM SERVIÇO PARA PODER VIR PARA A FOLIA.

**OFF**

SÃO PESSOAS QUE ENFRENTAM MUITAS COISAS, SEGUNDO IVONIL XAVIER. ELE É ALFERES DA FOLIA DO DIVINO DA REGIÃO DAS POSSES, PERTO DA CIDADE DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS.

**SONORA**

DA DIVISA, O CRACHÁ, A BANDEIRA. SÃO TODAS AS COISAS PARA QUE CHEGASSE A ISSO AQUI. PARA QUE CHEGUE A ISSO AQUI. ENTÃO É UM FARDO MUITO PESADO.

**OFF**

E SEGUNDO A ANTROPÓLOGA LARA AMORIM, O QUE LIGA TODAS AS PESSOAS É A DEVOÇÃO.

**BG**

SOM DE ALGUM CANTORIO

**SONORA**

NA VERDADE ESSA FESTA, ELA EXISTE DENTRO DE UM CONTEXTO RELIGIOSO. OU SEJA, ELA FAZ SENTIDO PARA UMA COMUNIDADE QUE PARTILHA DAQUELES VALORES.

**OFF**

MARIA CARMEM E MARIA DE FÁTIMA SÃO IRMÃS. EM DOIS MIL E DOZE DERAM O PRIMEIRO POUSO PARA A FOLIA DAS POSSES EM GOIÁS. PARA ELAS, A FÉ É A RESPOSTA.

### **SONORA**

EM CORTEJO, EM ROMARIA, LEVANDO A BANDEIRA DO DIVINO EM UMA EXPRESSÃO DE FÉ, DE FÉ PÚBLICA. É UMA FORMA DE EXPRESSAR PUBLICAMENTE A FÉ

### **BG**

SOM DE CANTORIO

### **SONORA**

ELA É UMA CAMINHADA PELA PAZ, PELA FORÇA DO ESPÍRITO SANTO PARA QUE ELE TIRE DE DENTRO DO CORAÇÃO DOS SEUS FILHOS TODO RANCOR, TODA MÁGOA, E SÓ TRAGA PAZ.

### **OFF**

MAS UMA COISA PARECE CERTA. A FOLIA É FEITA PELO POVO E PARA O POVO.

### **SONORA**

A FOLIA É A ÚNICA FESTA QUE A PESSOA ENTRA, COME, BEBE, SEM NINGUÉM PERGUNTAR: QUEM TE MANDOU AQUI? VOCÊ TEM CONVITE? É ABERTO PARA TODO MUNDO, POBRE, RICO, POLITICO, POLICIAL, DEPUTADO, NEGRO, BRANCO, NÃO TEM PRECONCEITO NENHUM.

### **BG**

SOM VIOLA

### **OFF**

NÃO PERCA NO PRÓXIMO PROGRAMA A HISTÓRIA DA FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO ENTORNO DE BRASÍLIA.

## **2º PROGRAMA**

Nome Série: Folia do Divino Espírito Santo. Caminhos de fé e tradição.

Número e Título do programa: nº 2 – As mudanças na sociedade brasileira e na Folia do Divino Espírito Santo.

Redação e Produção: Lorena Santana

**TEC:** VINHETA DE ABERTURA

**LOC:** A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO É ANTIGA. VÁRIAS GERAÇÕES DE BRASILEIROS PARTICIPARAM DA FESTA, QUE MUDOU AO LONGO DOS ANOS. CONHEÇA NESSE PROGRAMA, DE QUE MANEIRA A FOLIA ERA REALIZADA HÁ 100 ANOS NO ENTORNO DO DF E COMO AS MUDANÇAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO AFETARAM A FESTA.

**OFF**

A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EXISTE HÁ MAIS DE CEM ANOS NA REGIÃO DA CIDADE DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS E PLANALTINA NO DF. A REGIÃO É RICA EM FAZENDAS E CHÁCARAS. A PRINCIPAL ATIVIDADE ECONÔMICA É A AGROPECUÁRIA.

**BG**

SOM VIOLA CAPIRA

**OFF**

AO LONGO DOS ANOS, A FESTA MUDOU NA REGIÃO. ODERICO DE SOUSA É MORADOR DE PLANALTINA NO DF. É FOLIÃO HÁ 60 ANOS E SABE APONTAR AS DIFERENÇAS QUE O TEMPO TROUXE.

**SONORA**

NÃO TINHA CARRO, TUDO ERA NO CAVALO MESMO.

**BG**

SOM DOS CAVALOS

**OFF**

NO GIRO, OS FOLIÕES CARREGAVAM SUA TRALHA NOS LOMBOS DOS CAVALOS EM BOLSAS FEITAS DE COURO DE BOI CHAMADAS DE BROACAS. OS CAVALOS ERAM O ÚNICO MEIO DE TRANSPORTE E SÓ PARTICIPAVA DA FOLIA QUEM TINHA O SEU PRÓPRIO ANIMAL.

**BG**

SOM DOS CAVALOS

**OFF**

NO COMEÇO, A FESTA DURAVA SEMANAS E ATÉ MESES INTEIROS. OS FESTEJOS COMEÇAVAM EM MAIO E SEGUIAM ATÉ SETEMBRO, DE ACORDO COM O PADRE

DARCI NERES QUE CELEBRA MISSAS NA REGIÃO PRÓXIMA A CIDADE DE ÁGUA FRIA, EM GOIÁS.

**SONORA**

SEMPRE NO FIM DAS COLHEITAS QUE SE DÁ ESSA FESTA PARA LOUVAR O DIVINO ESPÍRITO SANTO, PARA AGRADECER PELA BENÇÃOS, PELAS GRAÇAS, PELAS COLHEITAS, POR TUDO.

**BG**

SOM DA VIOLA CAIPIRA

**OFF**

JOAQUIM DE SOUSA PARTICIPA DESDE CRIANÇA DA FESTA NA REGIÃO DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS. SEMPRE OBSERVOU ATENTO TODOS OS DETALHES E RELEMBRA.

**SONORA**

ELES CONSIDERAVAM A FOLIA ERA COM 12 FOLIÕES, QUE REPRESENTAVAM OS 12 APÓSTOLOS. MESMO QUE FOSSEM MUITOS, NÃO ERA CONSIDERADO FOLIÃO. ERA CONSIDERADO COMPANHEIRO, ACOMPANHANTE, ENFIM.

**OFF**

MARCOS MACIEL TEM TRINTA E NOVE ANOS, EMBORA MAIS NOVO QUE JOAQUIM TAMBÉM VIVEU A ÉPOCA ANTIGA DA FOLIA. UMA DAS COISAS QUE LEMBRA É QUE AS MULHERES NÃO PODIAM PARTICIPAR.

**SONORA**

HOJE EM DIA A FOLIA É ABERTA AS MULHERES, ANTIGAMENTE NÃO ERA. MULHER NÃO PODIA DANÇAR CATIRA, ANDAR A CAVALO.

**OFF**

AS MULHERES QUE PARTICIPAVAM DO GIRO ESTAVAM ACOMPANHADAS DOS MARIDOS OU QUERIAM PAGAR ALGUMA PROMESSA. FORA ISSO, UMA MULHER SOZINHA DIFICILMENTE GIRAVA A FOLIA, NO MÁXIMO FREQUENTAVA ALGUNS POUSOS.

**BG**

SOM DOS CAVALOS MIXADOS COM A MÚSICA DE VIOLA CAIPIRA DO ROBERTO CORREA



**OFF**

OS FOLIÕES ANDAVAM VÁRIOS KILÔMETROS NA ESTRADA DE TERRA, QUE VIRAVA LAMA POR CAUSA DAS CHUVAS CONSTANTES. OS ANIMAIS QUE FAZIAM O TRANSPORTE DE MANTIMENTOS ERAM CONHECIDOS COMO CARGUEIROS. ODERICO DE SOUSA RELEMBRA QUE NÃO DAVA PARA LEVAR MUITAS COISAS.

**BG**

SOM DOS CAVALOS ANDANDO MIXADOS COM A MÚSICA DE VIOLA CAIPIRA DO ROBERTO CORREA

**SONORA**

SE VOCÊ VAI MONTADO NO CAVALO NÃO TEM CONFORTO, SÓ LEVA AQUELAS COISAS POUCAS PARA DORMIR, AS ROUPAS PARA TROCAR E ASSIM MESMO TEM QUE LEVAR POUCO SENÃO NÃO TEM COMO.

**BG**

SOM DOS CAVALOS ANDANDO MIXADO COM A MÚSICA DE VIOLA CAIPIRA DO ROBERTO CORREA

**OFF**

QUANDO CHEGAVAM AO POUSO, A FAMÍLIA ANFITRIÃ JÁ ESPERAVA NA PORTA. VERA LOBO ERA CRIANÇA QUANDO SUA FAMÍLIA RECEBEU A FOLIA VÁRIAS VEZES NA FAZENDA QUE MORAVA PERTO DA CIDADE DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS. ELA LEMBRA QUE TUDO ERA MUITO DIFÍCIL.

**SONORA**

E A LEMBRANÇA QUE EU TENHO É QUE ERA MUITA CHUVA E MUITO COMPLICADO PRA GENTE PREPARAR O POUSO. O PESSOAL CHEGAVA TUDO CHEIO DE BARRO, DE LAMA. NÃO TINHA LUZ ELÉTRICA, HOJE JÁ TEM, ÀS VEZES NÃO TINHA COBERTURA, ERA UMA BARRACA DE PALHA E CHOVIA TÃO FORTE DENTRO COMO FORA.

**BG**

SOM DE TEMPESTADE

**OFF**

APESAR DAS DIFICULDADES, ELES CUMPRIAM TODAS AS OBRIGAÇÕES DA FOLIA. ODERICO DE SOUSA COMENTA QUE TUDO ERA FEITO COM MUITA DEVOÇÃO E ENTREGA.

**BG**

SOM DA AVE MARIA NA VIOLA CAIPIRA

**SONORA**

ERA MAIS RELIGIOSA. NÃO TINHA ESSES SONS, ESSAS COISAS. ERA MAIS RELIGIOSA MESMO.

**BG**

SOM DA AVE MARIA NA VIOLA CAIPIRA

**OFF**

DEPOIS DAS OBRIGAÇÕES ERA A HORA DA CATIRA. ÚNICA MÚSICA PERMITIDA DURANTE TODA A FOLIA.

**BG**

SOM DA CATIRA

**OFF**

AS REGRAS ERAM MUITO RÍGIDAS. NAMORO ERA PROIBIDO, INCLUSIVE NA HORA DA DANÇA. QUEM COMENTA É ANÍSIO TEIXEIRA REGENTE DE FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES, EM GOIÁS.

**SONORA**

SE VOCÊ ESTIVESSE AQUI NA FESTA E ARRUMASSE UM NAMORADO VOCÊ IA PAGAR MULTA PORQUE VOCÊ TAVA NAMORANDO. PODIA NAMORAR NÃO.

**BG**

SOM DO CATIRA E DA MODA DE VIOLA

**OFF**

JOAQUIM DE SOUSA SENTIU ISSO NA PELE.

**SONORA**

A GENTE QUANDO ERA RAPAZ FICAVA DOIDO PARA CARREGAR UMA MOCINHA BONITINHA NA GARUPA DO CAVALO E NÃO PODIA. IMAGINA ATÉ QUANTAS NAMORADAS A GENTE NÃO PERDEU POR CAUSA DISSO.

**OFF**

POR CAUSA DA FALTA DE ESTRUTURA, OS FOLIÕES NÃO COSTUMAVAM SE BANHAR DURANTE A FOLIA. ALGUNS PASSAVAM TODO O GIRO COM A MESMA ROUPA E NA HORA DE DORMIR TODOS SE AJEITAVAM DE MANEIRA IMPROVISADA. VERA LOBO DIZ O QUE LEMBRA.

**SONORA**

ANTIGAMENTE AS PESSOAS IAM SÓ A CAVALO E DORMIAM EMBAIXO DE UMA ÁRVORE EM CIMA DE UM BAIXIO QUE FORRA O CAVALO PARA COLOCAR A SELA EM CIMA.

**OFF**

JOAQUIM DE SOUSA CONTA QUE NÃO HAVIA CONFORTO.

**BG**

SOM VIOLA CAIPIRA ROBERTO CORREA

**SONORA**

MELHOROU MUITO PORQUE NAQUELA ÉPOCA FOLIÃO NÃO TINHA LUGAR PRA DORMIR. DORMIA EMBAIXO DE UM BAIXEIRO, EMBAIXO DA ÁRVORE E MUITOS FOLIÕES ÀS VEZES DORMIA EM CIMA DE COBRA.

**BG**

SOM DA CHUVA MIXADO VIOLA CAIPIRA ROBERTO CORREA

**OFF**

ODERICO DE SOUSA SABE DAS DIFICULDADES QUE VIVEU COMO FOLIÃO.

**SONORA**

NESSA ÉPOCA FAZIA MUITO FRIO. HOJE ATÉ O FRIO ACABOU. MAIS QUENTE, NÃO SEI SE É POR CAUSA DO CONFORTO TAMBÉM NE.

**BG**

SOM DO VENTO

**OFF**

O CAIXEIRO E O GUIA ERAM OS ÚNICOS DA TROPA QUE DORMIAM EM CAMAS, COMO CONTA JOAQUIM DE SOUSA, MORADOR DA CIDADE DE PLANALTINA NO DF.

**SONORA**

A GENTE ERA MENINO, EU LEMBRO, QUEM DESSE O POUSO ERA OBRIGADO A ARRUMAR A CAMA PARA O GUIA E O CAIXEIRO. AS DUAS PESSOAS NA FOLIA QUE TINHAM LUGAR GARANTIDO ERA O GUIA E O CAIXEIRO.

**BG**

SOM DE ALGUM CANTORIO

**OFF**

A HIERARQUIA NA FESTA ERA BEM DEFINIDA ATÉ TRINTA ANOS ATRÁS. PARA JOAQUIM QUE EXISTIA MUITO RESPEITO ENTRE OS FOLIÕES.

**SONORA**

ENTÃO COMO A FOLIA ERA MENOR, MENOS NÚMERO GENTE COM AS NORMAS, ENTÃO ERA MAIS FÁCIL PRO GUIA, ERA MAIS FÁCIL PRO REGENTE. TUDO ERA MAIS FÁCIL, PORQUE AS PESSOAS TINHAM AQUELE RESPEITO, PELO GUIA POR EXEMPLO NE, O ALFERES, O CAIXEIRO.

**OFF**

SEGUNDO ODERICO, OUTRA DIFERENÇA É QUE POUCAS PESSOAS PARTICIPAVAM DA FESTA.

**SONORA**

A POPULAÇÃO AUMENTOU. PORQUE PRIMEIRO ERA MAIS POUCO, SE MATAVA UMA VACA DAVA UM POUSO FOLIA.

**BG**

SOM DA VIOLA CAIPIRA

**OFF**

DURANTE ANOS, ERA ASSIM QUE ACONTECIA A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA REGIÃO DA CIDADE DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS E PLANALTINA NO DF, SEGUNDO LARA AMORIM, ANTROPÓLOGA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.

**SONORA**

ESSES FOLIÕES QUE ANTES ERAM PESSOAS COMPLETAMENTE ISOLADAS, PORQUE A FOLIA DO DIVINO É UMA FESTA, POR EXEMPLO, MUITO PRÓPRIA DE UM CONTEXTO DE TROPEIROS, AQUELAS PESSOAS QUE ANDAM A CAVALO NO MATO, NA ROÇA.

#### **OFF**

JÁ NO FINAL DO SÉCULO VINTE, SURTIU A TENDÊNCIA DE RESGATAR O PASSADO. A TRADIÇÃO FOI ENTENDIDA COMO FONTE DE AUTENTICIDADE CULTURAL. NESSE MOMENTO, A FOLIA DO DIVINO É REVALORIZADA.

#### **SONORA**

LÁ PELA DÉCADA DE NOVENTA, AS INSTITUIÇÕES QUE ANTES ACHAVAM AQUILO COISA DO PASSADO, COISA VELHA E DESINTERESSANTE, COMEÇARAM A ACHAR QUE AQUILO ERA SÍMBOLO DE ALGUMA COISA. ENTÃO HÁ UMA REVALORIZAÇÃO, E ESSA REVALORIZAÇÃO TEM HAVER COM UM PROCESSO QUE A CULTURA PASSA.

#### **OFF**

VOLTAR ÀS TRADIÇÕES É UMA RESPOSTA AO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO. NO MUNDO MODERNO A CULTURA SE TORNA UNIFICADA, GLOBALIZADA, MASSIFICADA. VOLTAR À TRADIÇÃO É BUSCAR UMA IDENTIDADE.

#### **SONORA**

ENTÃO AQUELES QUE ACHAM, NÃO EU SOU DIFERENTE DISSO, COMEÇAM A PROCURAR NA SUA PRÓPRIA CULTURA ALGUNS SÍMBOLOS QUE AGREGUEM VALOR E DIGAM NÃO, ESSA AQUI É A MINHA CULTURA, É A CULTURA BRASILEIRA.

#### **OFF**

NESSE MOMENTO, A FOLIA É VISTA NOVAMENTE COMO ALGO INTERESSANTE.

#### **SONORA**

E DE REPENTE HOJE, ATÉ A IGREJA E A POLÍTICA QUEREM SE APROPRIAR DESSA FESTA. ENTÃO SÃO OS PROCESSOS QUE ACONTECEM COM A CULTURA.

#### **BG**

SOM DA VIOLA MIXADA

**OFF**

HOJE, CENTENAS DE PESSOAS PARTICIPAM DAS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM QUASE TODAS AS REGIÕES DO BRASIL, COMO SÃO PAULO, GOIÁS E BAHIA. EM MUITAS A DEVOÇÃO TRADICIONAL CEDE LUGAR A UMA FESTA CADA VEZ MAIS POPULAR, REGADA POR BEBIDA ALCOOLICA, SOM ALTO E FORRÓ.

**BG**

SOM DO FORRO

**OFF**

A FOLIA EM PLANALTINA DO DF É UMA DELAS. ELA EXISTE A CENTO E TRINTA ANOS E, DESDE A DÉCADA DE 90, VIVE UM CRESCIMENTO CONSTANTE. FOLIÕES QUE PARTICIPAVAM DA FESTA SE INCOMODARAM E DECIDIRAM ORGANIZAR UMA FESTA QUE LEMBRASSE ÀS FOLIAS ANTIGAS. CRIARAM A FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES PERTO DA CIDADE DE PLANALTINA DO DF E ÁGUA FRIA EM GOIÁS. BETO SABINO FOI UM DELES.

**SONORA**

LÁ NÃO TEM LENÇO, NÃO TEM FORRÓ, TEM GRUPO DE CATIRA, É COMO SE FOSSE ANTIGAMENTE.

**OFF**

MARCOS MACIEL ACOMPANHA A FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES DESDE 2005.

**SONORA**

ESSA FOLIA É BASEADA NA FOLIA ANTIGA, O MAIS TRADICIONAL POSSÍVEL. É PROIBIDO SOM AUTOMOTIVO É PROIBIDO EM QUALQUER HIPÓTESE. O SOM DA FOLIA DAS POSSES É O SOM DA DIVINDADE E O SOM DO CATIRA.

**OFF**

BETO SABINO EXPLICA A FOLIA NA REGIÃO DAS POSSES.

**SONORA**

A FOLIA DAS POSSES É UM POUCO DIFERENCIADA DAS OUTRAS. HOJE A FOLIA DAS POSSES É UMA DAS MAIORES DA REGIÃO, OU MELHOR, A MAIOR DA REGIÃO.

**OFF**

E O PÚBLICO É CADA VEZ MAIS VARIADO. JOAQUIM DE SOUSA FALA O QUE OBSERVOU NOS DEZ ANOS EM QUE A FESTA EXISTE.

**SONORA**

MAS VAI MUITA GENTE TAMBÉM PELA BEBIDA, PELA FARRA, PARA NAMORAR, PARA DANÇAR E OUTROS VÃO PRA COMER. EU JÁ VI GENTE FALANDO ‘EU VENHO NA FOLIA PARA COMER, COMER CARNE, COMER DOCE.

**BG**

SOM AMBIENTE

**OFF**

A ANTROPÓLOGA LARA AMORIM EXPLICA A POPULARIZAÇÃO DA FESTA.

**SONORA**

QUANDO ESSA FESTA COMEÇAR A INTERESSAR A OUTROS SETORES É QUANDO COMEÇA O PROCESSO LIGADO A UMA ESPÉCIE DE ESPETACULARIZAÇÃO DA FESTA QUE TEM HAVER COM A GLOBALIZAÇÃO.

**OFF**

A FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES ATRAI NÃO SÓ PESSOAS QUE PROCURAM COMIDA, BEBIDA E DIVERSÃO. MUITOS POLÍTICOS USAM A FESTA PARA SE AUTOPROMOVER COMO MOSTRA BETO SABINO, GUIA DA FOLIA DE 2012 DA REGIÃO DAS POSSES.

**BG**

SOM AMBIENTE

**SONORA**

ELA MUDOU UM POUCO PORQUE COMO ELA CRESCEU BASTANTE, ELA TEVE UM FASE, CHEGOU UMA FASE UM POUCO DE POLITICA. AS PESSOAS, TODO MUNDO AGORA QUER TIRAR UMA FOLIA, PORQUE ELE GANHA MUITA COISA, ELE PASSA A SER CONHECIDO, E TA FICANDO DIFÍCIL ARRUMAR POUSO.

**FUNDIR SONORAS**

ENTÃO O POLÍTICO VAI CAPITALIZAR TAMBÉM. ELE VAI SUBIR NO PALENQUE E VAI DIZER ‘EU ESTOU AQUI, ESSA FESTA ESTÁ ACONTECENDO É UMA FESTA IMPORTANTE’. PORQUE? PORQUE ELE QUER SER IMPORTANTE NAQUELE CONTEXTO.

**OFF**

DE ACORDO LARA AMORIM, OS POLÍTICOS TENTAM SE ASSOCIAR A IMAGEM DA FOLIA. ISSO PORQUE A FESTA FAZ PARTE DA IDENTIDADE DO POVO.

## **SONORA**

POIS É, AS PESSOAS VÃO SENTIR QUE AQUELA IDENTIDADE SE FORTALECE. ENTÃO ALGUMAS INSTITUIÇÕES COMO A IGREJA, COMO A MÍDIA E COMO A POLÍTICA LOCAL, ELAS SE BENEFICIAM DESSA VALORIZAÇÃO DESSES SÍMBOLOS DA CULTURA, DA CULTURA POPULAR, DAS FESTAS POPULARES.

## **OFF**

NO PRÓXIMO PROGRAMA VOCÊ VAI VER COMO SE MANTEM VIVA A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA REGIÃO DAS POSSES EM GOIÁS!

## **3º PROGRAMA**

Nome Série: Folia do Divino Espírito Santo. Caminhos de fé e tradição.

Número e Título do programa: nº 3 – O começo da Folia na região das Posses em Goiás.

Redação e Produção: Lorena Santana

## **TEC: VINHETA DE ABERTURA**

O COMEÇO DA FOLIA NA REGIÃO DAS POSSES EM GOIÁS

## **OFF**

NO TERCEIRO PROGRAMA DA SÉRIE, OS PREPARATIVOS PARA O COMEÇO DA FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA REGIÃO DAS POSSES, O GIRO DOS FOLIÕES E A CHEGADA AO PRIMEIRO POUSO.

## **OFF**

ESTAMOS EM 2012 NA REGIÃO DAS POSSES NO ESTADO DE GOIÁS. ÁREA RICA EM FAZENDAS E CHÁCARAS PRÓXIMA A CIDADE DE ÁGUA FRIA, A 152 KILÔMETROS DE BRASÍLIA. O SOL SE PÕE NA FAZENDA ONDE SERÁ O INÍCIO DA FOLIA. 50 PESSOAS JÁ ESTÃO AQUI E MUITAS OUTRAS ESTÃO A CAMINHO.

## **BG**

SOM AMBIENTE – PESSOAS CONVERSANDO



**OFF**

O GUIA DA FESTA EM 2012 É BETO SABINO, UM DOS CRIADORES DA FOLIA NA REGIÃO DAS POSSES.

**BG**

SOM AMBIENTE – PESSOAS CONVERSANDO

**OFF**

MARCOS MACIEL PARTICIPOU VÁRIAS VEZES DA FESTA. ELE TAMBÉM JÁ FOI GUIA E SABE NA PONTA DA LÍNGUA A RESPONSABILIDADE QUE CARREGOU.

**SONORA**

ELE QUE DISTRIBUI AS FUNÇÕES PARA CADA FOLIÃO, ELE QUE CONDUZ O CAMINHO DO GIRO. O GUIA É UMA PESSOA DE RESPEITO. GERALMENTE É UMA PESSOA MAIS VELHA, MAIS EXPERIENTE.

**OFF**

O GUIA É A PESSOA QUE ADMINISTRA TODA A FESTA, TANTO A PARTE FESTIVA COMO A RELIGIOSA. OS FOLIÕES MAIS ANTIGOS NORMALMENTE SÃO OS MAIS EXPERIENTES, CONHECEM BEM TODAS AS ETAPAS E OBRIGAÇÕES. POR ISSO, SÃO ESCOLHIDOS PARA SEREM OS GUIAS. BETO SABINO SENTE O PESO DA TAREFA QUE TEM PELA FRENTE. MAS PARECE CONFIANTE.

**SONORA**

EU ESTOU OTIMISTA, QUERO TRAZER BONS FRUTOS.

**OFF**

ENQUANTO AGUARDAM O COMEÇO DA FESTA, ALGUNS AFINAM A VIOLA.

**BG**

SOM DA AFINAÇÃO DA VIOLA

**OFF**

OUTROS, COMO IVONIL XAVIER, ALFERES DA FOLIA, ENTRE RISADAS E ABRAÇOS, COLOCAM O PAPO EM DIA COM VELHOS CONHECIDOS.

**SONORA**

QUANTOS AMIGOS NÓS NÃO REAVIMOS TAMBÉM, QUE ESTÃO VINDO, CONVERSANDO UM COM O OUTRO QUE A GENTE VÊ SÓ NAS FOLIAS.

**BG**

SOM AMBIENTE

**OFF**

O SOM DAS VOZES É INTERCALADO COM O BARULHO DOS CARROS E DOS CAVALOS QUE CHEGAM COM NOVOS FOLIÕES.

**BG**

SOM DOS CARROS CHEGANDO

**OFF**

É UMA QUARTA-FEIRA DO MÊS DE JULHO, O PRIMEIRO DIA. DIA DA ALVORADA. NELA OS FOLIÕES PEDEM LICENÇA AO DIVINO PARA QUE A FOLIA ACONTEÇA. É O COMEÇO DAS OBRIGAÇÕES. SEGUNDO BETO, É TAMBÉM O MOMENTO EM QUE AS PESSOAS SE ORGANIZAM PARA SEGUIR VIAGEM.

**SONORA**

ALVORADA CHAMA-SE JUNTAMENTO, QUANDO A GENTE JUNTA AS COISAS. E TEM DIFERENÇA DE UMA ALVORADA PARA UM POUSO DE FOLIA.

**OFF**

OS OLHOS DE BETO SABINO MOSTRAM A EMOÇÃO QUE SENTE. ALVORAR NÃO É APENAS A PRIMEIRA PARTE DA FOLIA, MAS O COMEÇO DA DEVOÇÃO. MARCOS MACIEL EXPLICA QUAL A FUNÇÃO DO GUIA NA ALVORADA.

**SONORA**

QUANDO ELE ALVORA A FOLIA, ELE DISTRIBUI A FUNÇÃO DE CADA UM CANTANDO. ELE ALVORA A FOLIA, ELE ALVORA O ALFERES, O CONTRA GUIA, O CAIXEIRO E OS AJUDANTES. A EMOÇÃO DE ALVORAR A FOLIA É MUITO GRANDE. A PESSOA SE SENTE ABENÇOADA E PREMIADA. NINGUEM É MELHOR QUE NINGUÉM, ELE TEM QUE SER MENOR PARA QUE DEUS APAREÇA, NÃO O GUIA APAREÇA.

**BG**

SOM DA CAIXA

**OFF**

A ALVORADA COMEÇA E OS FOLIÕES SILENCIAM. É POSSÍVEL PERCEBER A EMOÇÃO DO MOMENTO. A ALVORADA É MUITO IMPORTANTE PARA OS DEVOTOS. ELES ACREDITAM QUE É NESSE MOMENTO QUE O DIVINO ESPÍRITO SANTO É CHAMADO PARA ABENÇOAR E PROTEGER OS FOLIÕES E A BANDEIRA, DURANTE OS DIAS DA FOLIA.

**BG**

SOM DA CAIXA

**OFF**

DEPOIS DA ALVORADA, O GRUPO SE PREPARA PARA PARTIR. ARRUMAM OS CAVALOS. ARREIO, BAIXEIRO E CABRESTO. TUDO EM SEU LUGAR. PRÓXIMA PARADA É O PRIMEIRO POUSO, A FAZENDA DE MARIA DE FÁTIMA, CERCA DE DEZ KILOMÊTROS DA FAZENDA ONDE ACONTECEU A ALVORADA.

**BG**

SOM DOS CAVALOS NA ESTRADA

**OFF**

O DIA JÁ DEU LUGAR AO ESCURO DA NOITE. COMEÇA O GIRO DA FOLIA. É O CAMINHO PERCORRIDO ENTRE UM POUSO E OUTRO COMO EXPLICA BETO SABINO.

**SONORA**

A FOLIA TEM UMA PARTE QUE É CHAMADA DE GIRO, EU VOU GIRAR A FOLIA, EU VOU EVANGELIZAR NA FOLIA.

**OFF**

O POUSO É ONDE OS FOLIÕES PARAM PARA FAZER AS OBRIGAÇÕES DA FOLIA, QUE SÃO AS REZAS E OS CANTOS. AS FAZENDAS QUE DÃO OS POUSOS SÃO RESPONSÁVEIS POR FORNECER A INFRA ESTRUTURA E A COMIDA AOS FOLIÕES DURANTE A NOITE EM QUE OS RECEBEM.

**BG**

SOM DOS CAVALOS NA ESTRADA

**OFF**

BEM ANTES DA FESTA, ASSIM QUE É DECIDIDO O PERCURSO DA FOLIA, O ALFERES E O GUIA PERGUNTAM PARA OS DONOS DAS FAZENDAS QUE ESTÃO NO

CAMINHO SE ELES PODEM DAR O POUSO. NORMALMENTE AS PESSOAS ACEITAM COMO FORMA DE PAGAR UMA PROMESSA SEGUNDO DIEZE TORRES.

## **SONORA**

A MAIORIA DOS POUSOS QUE ELES DÃO É QUE GERALMENTE, ASSIM, QUANDO A PESSOA TEM MUITA FÉ, ELES FAZEM UM PEDIDO A DEUS NÉ, AO DIVINO ESPÍRITO SANTO, E É CONCEDIDO. E ELES TÊM QUE PAGAR ESSA PROMESSA, OU SEJA, GERALMENTE É UM POUSO QUE ELES DÃO. COMO SE FOSSE UM AGRADECIMENTO AO ESPÍRITO SANTO.

## **BG**

SOM DOS CAVALOS NA ESTRADA

## **OFF**

MUITOS FOLIÕES GIRAM A FOLIA. CERCA DE DUZENTOS CAVALEIROS SEGUEM EM PASSOS FIRMES E CONTÍNUOS. ANDAM EM GRUPOS DISPERSOS.

## **BG**

SOM DOS CAVALOS NA ESTRADA

## **OFF**

A TRADIÇÃO DOS CAVALEIROS SURTIU NA IDADE MÉDIA. O ESPÍRITO SANTO ERA CULTUADO EM ALGUMAS REGIÕES DA ALEMANHA, E COMO PARTE DAS FESTIVIDADES, OS REIS ANDAVAM A CAVALO BUSCANDO FUNDOS PARA ALIMENTAR O POVO EM ÉPOCAS DE CRISE.

## **BG**

SOM DO CAVALOS MIXADO COM A VIOLA

## **OFF**

NA FRENTE DA TROPA ESTÃO OS FOLIÕES DEVOTOS. ATRÁS SEGUEM OS MAIS JOVENS QUE ANDAM A GALOPES ENQUANTO BEBEM UM GOLE OU OUTRO DE BEBIDA ALCOOLICA.

## **BG**

SOM DOS CAVALOS

**OFF**

ALGUNS FOLIÕES PARECEM SE INCOMODAR COM AQUELES QUE SEGUEM ATRÁS DISPERSOS. BETO SABINO ACREDITA QUE A QUANTIDADE DE CAVALEIROS NÃO É SINÔNIMO DE UMA BOA FOLIA.

**SONORA**

ÀS VEZES VOCÊ TEM CEM CAVALEIROS E VOCÊ NÃO TEM CINCO PESSOAS PARA AJUDAR A CANTAR, VOCÊ NÃO ACHA. O CARA FALA, EU SOU FOLIÃO, MAS VOCÊ FAZ O QUE NA FOLIA? NADA.

**OFF**

MAS ISSO NÃO PARECE ATRAPALHAR OS DEVOTOS QUE SEGUEM NA FRENTE, CONCENTRADOS NA TAREFA QUE DESEMPENHAM.

**BG**

SOM DOS CAVALOS NA ESTRADA

**OFF**

NA FRENTE DA TROPA, O GUIA CARREGA A IMAGEM DE NOSSA SENHORA APARECIDA. O ALFERES IVONIL XAVIER LEVA A BANDEIRA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

**SONORA**

O ALFERES ELE FICA NO LUGAR DO DONO DA FOLIA. ELE QUE OFERECE, PEDE OS POUSOS. É COMO SE ELE FOSSE O DONO DA FOLIA.

**OFF**

A PALAVRA ALFERES SIGNIFICA PORTA BANDEIRA. ELE É RESPONSÁVEL POR CARREGAR A BANDEIRA DO DIVINO DURANTE TODA A FOLIA. É UMA TAREFA IMPORTANTE, JÁ QUE A BANDEIRA SIMBOLIZA O ESPÍRITO SANTO E SUAS BENÇÃOS. QUEM DESEJA SER ALFERES, DEVE COLOCAR O NOME EM UMA LISTA. O PRIMEIRO NOME É ESCOLHIDO PARA AQUELE ANO E ASSIM POR DIANTE. A LISTA É BEM CONCORRIDA.

**SONORA**

EU COLOQUEI MEU NOME HÁ SEIS ANOS. NESSA FOLIA TEM NOME ATÉ PARA DOIS MIL E VINTE.

**OFF**

A MAIOR PARTE DO TRABALHO DO ALFERES É ANTES DA FOLIA QUANDO ELE ORGANIZA E PLANEJA OS DETALHES DA FESTA. UMA DAS TAREFAS QUE CUMPRE É ESCOLHER QUEM SERÁ O GUIA DA FOLIA. E SEGUNDO MARCOS MACIEL É O GUIA QUE ESCOLHE O RESTO DA EQUIPE.

**SONORA**

VAMOS SUPOR, EU SOU O ALFERES, E TEM UM GUIA QUE EU GOSTO MUITO, QUE EU CONFIO NO TRABALHO DELE. EU CHEGO E FALO: VOCÊ QUER GUIAR MINHA FOLIA? AI ELE REUNI OS FOLIÕES DELE E PERGUNTA QUEM PODE ME AJUDAR?

**OFF**

JÁ AS PRINCIPAIS TAREFAS DO GUIA ACONTECEM DURANTE OS GIROS E OS POUSOS. UMA DELAS É DISTRIBUIR AS FUNÇÕES DE CADA FOLIÃO COMO EXPLICA MARCOS MACIEL.

**SONORA**

GUIA DE FOLIA É AQUELA PESSOA QUE TEM TODA A MORAL DENTRO DA FOLIA PARA DIZER: VOCÊ FAZ ISSO, VOCÊ FAZ AQUILO. ME AJUDA NISSO AQUI. ELE DÁ AS OBRIGAÇÕES DE CADA FOLIÃO.

**BG**

SOM DOS CAVALOS

**OFF**

OS CAVALOS SEGUEM ATRÁS DA BANDEIRA. CAMINHAR A FRENTE DELA É UM DESRESPEITO. A BANDEIRA DEVE SER A PRIMEIRA A CHEGAR. ELA QUE ABRE O CAMINHO, DIZ IVONIL XAVIER.

**SONORA**

A BANDEIRA É UM SIMBOLO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

**OFF**

AO LADO DO ALFERES, SEGUE UM CONTRA-GUIA QUE CARREGA A IMAGEM DA POMBA BRANCA, A MESMA DESENHADA NA BANDEIRA. ELA SIMBOLIZA O ESPÍRITO SANTO. O MOTIVO É UMA PASSAGEM BÍBLICA QUE AFIRMA QUE APÓS O BATISMO DE CRISTO, O ESPÍRITO SANTO DESCEU SOBRE ELE COMO UMA POMBA. VÁRIOS CONTRA-GUIAS GIRAM A FOLIA DESSE ANO. ELES SÃO OS AJUDANTES DO GUIA.

**BG**

SOM DOS CAVALOS

**OFF**

O CAIXEIRO COMPLETA O PELOTÃO DE FRENTE. LEVA JUNTO AO CORPO A CAIXA QUE DITA O RITMO DO GIRO.

**BG**

SOM DA CAIXA

**OFF**

O CAIXEIRO DA FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES É IAGO LIMA, JOVEM, DE DEZENOVE ANOS. TOCAR CAIXA É TRADIÇÃO EM SUA FAMÍLIA. MANTEM O RITMO, ATÉ MESMO QUANDO A TROPA DECIDE ACELERAR O PASSO.

**SONORA**

O CAIXEIRO REPRESENTA A FOLIA, QUE A FOLIA ESTÁ GIRANDO. ONDE A BANDEIRA VAI A CAIXA ESTÁ ATRÁS BATENDO. TANTO NO GIRO QUANTO AS OBRIGAÇÕES NORMAIS, ONDE A BANDEIRA VAI A CAIXA TEM QUE TÁ ANUNCIANDO.

**OFF**

O COMBOIO ENTOA MÚSICAS. ESQUENTAM A VOZ E O CORAÇÃO PARA OS CANTOS QUE IRÃO COMEÇAR ASSIM QUE CHEGAREM À FAZENDA. OS CANTOS PODEM SER DE DOIS TIPOS. AQUELES DE PROMESSAS, FEITOS A PEDIDO DE ALGUÉM COMO FORMA DE PAGAMENTO POR UMA GRAÇA ALCANÇADA, OU OS CANTOS DE DEVOÇÃO PARA PEDIR BENÇÃOS PARA A FAMÍLIA QUE RECEBE A FOLIA.

**BG**

SOM DO CAMBOIO CANTANDO

**OFF**

AS MÚSICAS SÃO CRIADAS PELOS FOLIÕES. SÃO VERSOS RIMADOS E MUITAS VEZES FEITOS NA HORA. MARCOS MACIEL EXPLICA.

**SONORA**

AQUELE VERSO SAI NA HORA E SÃO VERSOS RIMADOS, TEM QUE SER FEITO NA HORA. SÓ QUE É UM JEITO DIFERENTE DE CANTAR, ENVOLVENDO AS

DIVINDADES, DEUS, ESPÍRITO SANTO, JESUS CRISTO, NOSSA SENHORA, OS SANTOS.

**BG**

SOM DOS CAVALOS

**OFF**

OS FOLIÕES JÁ AVISTAM O POUSO. A CEM METROS DA FAZENDA O GUIA FAZ SINAL PARA QUE OS CAVALEIROS PAREM. É PRECISO ESPERAR OS FOGOS DE ARTIFÍCIO DOS ANFITRIÕES. ELES SINALIZAM QUE OS DONOS DA CASA JÁ ESTÃO PRONTOS PARA RECEBER O COMBOIO.

**BG**

SOM DO CAMBOIO ESPERANDO

**OFF**

ENQUANTO ISSO, NA FAZENDA ANFITRIÃ MARIA DE FÁTIMA E SUA FAMÍLIA ARRUMAM OS ÚLTIMOS PREPARATIVOS PARA A CHEGADA DOS FOLIÕES. MARIA DE FÁTIMA REVELA QUE ESTAVA DOENTE E PROMETEU QUE, CASO SE RECUPERASSE, DARIA O POUSO EM SUA CASA.

**SONORA**

NA SALA DO HOSPITAL EU FIZ UMA PROMESSA, FOSSE O QUE TIVESSE QUE ACONTECER QUE DEUS TIVESSE COLOCADO NA MINHA VIDA, NO MEU CAMINHO, MAS EU PRECISAVA DA FORÇA DO ESPÍRITO SANTO SENÃO EU NÃO CONSEGUIRIA SEGUIR EM FRENTE. EU TE GARANTO COM TODA A CERTEZA QUE EU FUI CARREGADA PELO ESPÍRITO SANTO.

**OFF**

AO LADO DE MARIA DE FÁTIMA ESTÁ SUA IRMÃ. LUZIA DE ANDRADE PARECE BASTANTE EMOCIONADA E ANSIOSA.

**SONORA**

NÓS RECEBEMOS UMA GRAÇA MUITO GRANDE QUE A MINHA IRMÃ TAVA COM CÂNCER NO SEIO, E ESSA PROMESSA QUE TAVA FAZENDO AQUI QUE NÓS ESTAMOS FESTEJANDO O ESPÍRITO SANTO, FOI PROMESSA DELA. ELA QUE FEZ A PROMESSA. É UMA BENÇÃO.



**OFF**

FINALMENTE A FAMÍLIA ANFITRIÃ ANUNCIA QUE OS FOLIÕES PODEM SE APROXIMAR.

**BG**

FOGOS DE ARTIFICIO

**OFF**

O BARULHO DOS FOGOS ACENDE O ENTUSIAMO NO ROSTO DOS FOLIÕES. CHEGOU UMA DAS HORAS MAIS ESPERADAS DA FOLIA. O MOMENTO DA CHEGADA DA BANDEIRA. A CHEGADA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

**BG**

SOM DOS CAVALOS

**OFF**

CONFIRA NO PRÓXIMO PROGRAMA A CHEGADA DOS FOLIÕES NA FAZENDA E O RITUAL DE CELERAÇÃO DO DIVINO POR MEIO DOS CANTOS E REZAS.

**4º PROGRAMA**

Nome Série: Folia do Divino Espírito Santo. Caminhos de fé e tradição.

Número e Título do programa: nº 4 – O ritual da devoção na Folia do Divino Espírito Santo

Redação e Produção: Lorena Santana

**TEC: VINHETA DE ABERTURA**

## O RITUAL DA DEVOÇÃO NA FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

### **OFF**

NO QUARTO PROGRAMA, O PRIMEIRO POUSO DA FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES, A 152 QUILOMETROS DE BRASÍLIA. NELE, OS FOLIÕES CELEBRAM O DIVINO ESPÍRITO SANTO POR MEIO DAS MÚSICAS E REZAS. É O MOMENTO DA ENTREGA DAS BENÇÕES DO DIVINO, SIMBOLIZADO PELA BANDEIRA, À FAMÍLIA QUE RECEBE A FOLIA.

### **BG**

SOM DO CANTORIO MIXADO COM O SOM AMBIENTE DA CHEGADA AO POUSO.

### **OFF**

É O PRIMEIRO POUSO DA FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES, A 152 KILÔMETROS DE BRASÍLIA, PERTO DA CIDADE DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS. A FAZENDA ANFITRIÃ É DE MARIA DE FÁTIMA. OS DUZENTOS FOLIÕES A CAVALO COMPLETARAM O PRIMEIRO GIRO DA FOLIA E ESTÃO NA PORTA DA FAZENDA ANFITRIÃ. CARREGAM A BANDEIRA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

### **BG**

SOM DOS CAVALOS

### **OFF**

É O MOMENTO DA CHEGADA DA BANDEIRA. ELE ANTECEDE AS OBRIGAÇÕES DA FOLIA NO POUSO. ASSIM QUE OS FOLIÕES ENTRAM NA FAZENDA, DESCEM DOS CAVALOS E EM CORO CANTAM SE APROXIMANDO DE MARIA DE FÁTIMA QUE ESPERA NA PORTA DA CASA.

### **BG**

MÚSICA CHEGADA

### **OFF**

HOJE MARIA DE FÁTIMA É MORADORA DE PLANALTINA NO DF, MAS A FAZENDA PERTENCE A SUA FAMÍLIA E É O LUGAR ONDE MARIA FOI CRIADA. IRMÃOS E SOBRINHOS A ACOMPANHAM NA RECEPÇÃO AOS FOLIÕES. O GUIA TOMA A PALAVRA E PEDE O POUSO. IVONIL XAVIER CONTA.

### **SONORA**

PEDE POUSO, PEDE POUSO PARA OS CAVALOS, AI A PESSOA OFERECE E AI A GENTE ENTREGA A BANDEIRA PARA ELES.

**OFF**

NA FAZENDA QUE RECEBE A FOLIA EXISTE UM ALTAR PREPARADO DENTRO DA CASA. DEPOIS QUE O GUIA PEDE O POUSO, A POMBA BRANCA E A IMAGEM DE NOSSA SENHORA SÃO DEIXADAS NO ALTAR ATÉ O DIA SEGUINTE, QUANDO VOLTAM PARA AS MÃOS DOS FOLIÕES QUE CONTINUARÃO O GIRO. JÁ A BANDEIRA FICA COM O ALFERES PORQUE ELA ACOMPANHA TODAS AS OBRIGAÇÕES QUE SERÃO FEITAS NA FAZENDA ANFITRIÃ.

**BG**

CAIXA TOCANDO

**OFF**

AGORA COMEÇAM AS OBRIGAÇÕES. UMA SEQUÊNCIA QUE IRÁ SE REPETIR EM CADA UMA DAS FAZENDAS QUE RECEBEM A FOLIA. PRIMEIRO ACONTECE A SAUDAÇÃO DO CRUZEIRO QUE É UMA CRUZ DE MADEIRA ENFEITADA NA FRENTE DA FAZENDA. O CONTRA GUIA ALCIDES ALVES EXPLICA O QUE SIGNIFICA ESSA SAUDAÇÃO.

**SONORA**

NA VERDADE ALI TÁ CANTANDO O CRUCIFICAMENTO DE JESUS, NO CRUZEIRO É O CRUCIFICAMENTO, A RESSURREIÇÃO DELE, TUDO ISSO É CANTADO ALI.

**OFF**

NO CRUZEIRO QUEM COMEÇA A CANTAR É O GUIA ACOMPANHADO POR UM AJUDANTE. OS VERSOS SÃO FEITOS NA HORA E CONTAM A HISTÓRIA DE JESUS. O GUIA SE INSPIRA NOS ELEMENTOS QUE ESTÃO NO CRUZEIRO PARA CRIAR AS MÚSICAS. OS ELEMENTOS LEMBRAM A VIDA DE CRISTO, COMO A COROA DE ESPINHOS.

**BG**

SOM DO CANTO NO CRUZEIRO

**OFF**

DEPOIS QUE A PRIMEIRA DUPLA CANTA UM VERSO, É A VEZ DA DUPLA DO CONTRAGUIA REPETIR A MESMA FRASE. NO CRUZEIRO OS OLHOS FICAM FECHADOS E O TOQUE DA VIOLA DITA A EMOÇÃO DO MOMENTO.

**BG**

## CANTO NO CRUZEIRO

### OFF

O CANTO NO CRUZEIRO ACABA DEPOIS DE VINTE MINUTOS. AGORA É O MOMENTO DA SAUDAÇÃO DO ALTAR. PARA IR DO CRUZEIRO AO ALTAR MONTADO DENTRO DA CASA OS FOLIÕES PASSAM PELO RUAMENTO, QUE É UM CORREDOR FORMADO POR DOZE BANANEIRAS QUE REPRESENTAM OS DOZE APÓSTOLOS DE CRISTO. ENQUANTAM CAMINHAM, A CAIXA TOCA.

### BG

SOM CAIXA

### OFF

OS FOLIÕES SE PREPARAM E LOGO COMEÇA A SAUDAÇÃO DO ALTAR. JOAQUIM DE SOUSA É O GUIA QUE PUXA OS VERSOS. O ALTAR ESTÁ ENFEITADO COM IMAGENS DE SANTOS E FRASES DA BÍBLIA.

### SONORA

E AQUI É ONDE TEM AS SANTIDADES MESMO, O ALTAR, BIBLIA, TERÇO, IMAGEM. ENTÃO JÁ CHAMA SAUDAÇÃO DO ALTAR PORQUE VOCÊ VAI SAUDAR OS SANTOS QUE ESTÃO ALI.

### BG

CANTORIO DO ALTAR

### OFF

NA SAUDAÇÃO, OS VERSOS SÃO CRIADOS PARA LOUVAR OS SANTOS QUE FORAM POSTOS NO ALTAR PELOS ANFITRIÕES. LÁ TAMBÉM ESTÃO FRASES DA BÍBLIA. JOAQUIM DE SOUSA USA AS FRASES PARA CRIAR A MÚSICA. O ALFERES IVONIL XAVIER ACOMPANHA A SAUDAÇÃO.

### SONORA

QUANDO ELES ESTÃO NO ALTAR, TUDO QUE ESTÁ EM CIMA DO ALTAR ELES CANTAM. A POMBINHA, A BÍBLIA, O CRUCIFIXO.

### BG

CANTORIO DO ALTAR

### OFF

UM VERSO SEGUE O OUTRO E A CRIATIVIDADE PARECE NÃO TER FIM. OS OLHOS DE JOAQUIM PERCORREM TODO O ALTAR. COM CADA DETALHE, ELE CRIA OS VERSOS E TUDO PARTE DA SUA IMAGINAÇÃO. A MÚSICA É CRIADA NA HORA.

**BG**

CANTORIO DO ALTAR

**SONORA**

EU ACHO ASSIM QUE NA HORA É UM DOM QUE VOCÊ TEM, AI A INSPIRAÇÃO VEM DO ESPÍRITO SANTO MESMO. PORQUE QUANDO VOCÊ PEGA A VIOLA, VOCÊ FICA IMAGINANDO, SERÁ QUE VAI DÁ CERTO? E QUANDO VOCÊ COMEÇA TUDO ABRE NE?

**OFF**

DURANTE MEIA HORA, O ALTAR FOI CANTADO NAS VOZES DOS FOLIÕES. DEPOIS DA ÚLTIMA ESTROFE, O GRUPO SE DISPERSA E DÁ LUGAR AOS NOVOS CANTORES. É A HORA DE PEDIR O AGASALHO. DESSA VEZ, QUEM PUXA OS VERSOS É ALCIDES ALVES, UM DOS CONTRA GUIAS.

**SONORA**

AI PEDE O DONO DA CASA UM DESCANSO. UM DESCANSO É PARA O DIVINO E PARA OS FOLIÕES E POR ISSO QUE CANTA PEDINDO O AGASALHO.

**BG**

PEDINDO AGASALHO

**OFF**

O PEDIDO DO AGASALHO ACONTECE NA FRENTE DO ALTAR. MARIA DE FÁTIMA ESTÁ SENTADA EM UMA CADEIRA. DURANTE O CANTORIO, O ALFERES PASSA A BANDEIRA SOB SUA CABEÇA. ENTREGA AS BENÇÃOS DO DIVINO.

**SONORA**

EU TO ME SENTINDO MUITO FELIZ, NÃO SEI COMO EXPRESSAR MEU SENTIMENTO, MAS EU TO MUITO FELIZ.

**BG**

PEDINDO AGASALHO

**OFF**

DEPOIS, CHEGA A HORA DE REZAR A LADAINHA. CERCA DE VINTE FOLIÕES SE AMONTOAM DENTRO DA SALA PERTO DO ALTAR. DO LADO DE FORA, MAIS FOLIÕES SE PREPARAM PARA PARTICIPAR DO CORO DE ORAÇÃO. COM DEVOÇÃO COMEÇAM.

**BG**

SOM DA LADAINHA

**OFF**

NO MEIO DA ORAÇÃO, O ALFERES PEGA A BANDEIRA E UM A UM OS FOLIÕES SE AJOELHAM PARA BEIJÁ-LA.

**BG**

SOM DA LADAINHA

**OFF**

A REZA NA FOLIA É O MOMENTO QUE CONTA COM A PARTICIPAÇÃO DE MAIS FOLIÕES. PARA ODERICO DE SOUSA, UM DOS CONTRA GUIAS, A ORAÇÃO É A PARTE MAIS IMPORTANTE DA FESTA.

**BG**

SOM DA LADAINHA

**SONORA**

PARA MIM A FESTA É FOLIA MESMO, A FOLIA RELIGIOSA. A FOLIA É REZA. O SINÔNIMO DE FOLIA É REZA.

**OFF**

DURANTE A REZA, OS FOLIÕES TAMBÉM CANTAM. DIEZE TORRES É UM DOS MAIS EMOCIONADOS.

**BG**

SOM DA LADAINHA

**SONORA**

O QUE EU MAIS GOSTO DE FOLIA É LOUVAR MESMO. É CANTAR. CANTAR É MEU DOM, É O QUE EU MAIS GOSTO DE FAZER.

**BG**

SOM DA LADAINHA ACABANDO

**OFF**

A LADAINHA TERMINA E É HORA DE SERVIR O JANTAR. EM CADA POUSO, OS DONOS DA CASA OFERECEM A COMIDA PARA OS FOLIÕES.

**BG**

SOM DA COZINHA

**OFF**

LUZIA DE ANDRADE É IRMA DE MARIA DE FÁTIMA E É UMA DAS COZINHEIRAS DA FAZENDA QUE RECEBE A FOLIA. TANTO TRABALHO PARECE NÃO INCOMODAR. PELO CONTRÁRIO, OS OLHOS DE LUZIA BRILHAM. ALIMENTAR OS DEVOTOS PARECE ALIMENTAR A SUA PRÓPRIA FÉ.

**SONORA**

DESDE SÁBADO NÓS COMEÇAMOS A PREPARAR O JANTAR. TRÊS VACAS QUE NÓS FRITAMOS E COLOCAMOS SÓ NA HORA DE ESQUENTAR E POR PRO POVO COMER.

**BG**

SOM DA COZINHA

**OFF**

ANTES DO JANTAR SER SERVIDO, O GUIA BETO SABINO TOMA A PALAVRA E FAZ UMA ORAÇÃO AGRADECENDO O ALIMENTO. DE ACORDO COM A TRADIÇÃO DA FOLIA, O GUIA, O ALFERES, O REGENTE E OS AJUDANTES DEVEM SER OS PRIMEIROS A COMER. DEPOIS É A VEZ DOS OUTROS FOLIÕES.

**BG**

SOM DA COZINHA

**OFF**

TODOS PARECEM SATISFEITOS COM O BANQUETE SERVIDO. AO FINAL, NOS PRATOS NÃO SE VÊ MAIS VESTÍGIOS DE COMIDA. OS FOLIÕES ESTÃO COM AS ENERGIAS RENOVADAS PARA AS PRÓXIMAS OBRIGAÇÕES DA FOLIA.

**BG**

SOM AMBIENTE

**OFF**

DEPOIS DO JANTAR CHEGOU O MOMENTO DO BENDITO DE MESA. O REGENTE PEDRO SILVA É QUEM ORGANIZA O BENDITO.

**SONORA**

SIGNIFICA AGRADECER O ALIMENTO. AGRADECENDO QUE A GENTE COMEU, CHAMA BENDITO DE MESA, VAI REZAR PARA AGRADECER O ALIMENTO.

**BG**

BENDITO DE MESA

**OFF**

NA MESA DO BENDITO ESTÃO TRÊS PRATOS COM FARINHA. EM CADA UM HÁ TRÊS GARFOS QUE SIMBOLIZAM A COROA DE ESPINHOS DE CRISTO, COMO EXPLICA O CONTRA GUIA ALCIDES ALVES.

**SONORA**

TRÊS PRATOS E TRÊS GARFOS. AQUILO ESTÁ REPRESENTANDO PORQUE JÁ FOI SERVIDO A JANTA OU ALMOÇO, AQUILO SIGNIFICA QUE JÁ TERMINOU, QUE JÁ DEU TÉRMINO, AGORA SÓ VAI AGRADECER O QUE JÁ COMEMOS.

**BG**

BENDITO DE MESA

**OFF**

SE ALGUÉM COMER A SOBREMESA ANTES DO BENDITO, DEVE PAGAR UMA MULTA. QUEM FISCALIZA SÃO OS REGENTES. ANÍSIO TEIXEIRA É UM DELES.

**SONORA**

SE VOCÊ PEGAR UM COPINHO DESSE AÍ, UMA MULTINHA DE UM COPO DESSE AÍ CUSTA 2 REAIS. SE VOCÊ COMER FORA DA HORA NE?

**OFF**

O REGENTE É RESPONSÁVEL EM GARANTIR QUE TODOS FIQUEM NA LINHA.



**SONORA**

O REGENTE É CORRIGIR OS ERROS DOS OUTROS. SE OS OUTROS ESTIVEREM APRONTANDO A GENTE VAI PEDIR PARA NÃO FAZER AS COISAS ERRADAS. TUDO É O REGENTE QUE FAZ, COMANDA TUDO NE?

**OFF**

DURANTE O BENDITO DE MESA, VÁRIOS INSTRUMENTOS SÃO USADOS, COMO A VIOLA, O PANDEIRO E A CAIXA. O RECO-RECO TAMBÉM DITA O RITMO DA MÚSICA, QUEM TOCA É VANDERLEI CARDOSO.

**SONORA**

NAS MÚSICAS QUE PRECISA ELE É USADO, NO ALTAR, NO CRUZEIRO ALI FORA, NA HORA DA ALVORADA, BENDITO DE MESA E SE AS COZINHEIRAS QUISER QUE CANTAM PARA ELAS.

**BG**

BENDITO DE MESA

**OFF**

DEPOIS DO AGRADECIMENTO DA MESA, ACABAM AS OBRIGAÇÕES. AGORA ATÉ O RESTO DA NOITE É A CATIRA QUE MARCA O RITMO. OS FOLIÕES COMEÇAM A MONTAR O TABLADO QUE DURANTE MADRUGADA SERÁ O PALCO DA DANÇA. É ELE QUE GARANTE O SOM FORTE DAS BOTINAS NO CHÃO.

**BG**

SOM DA CATIRA

**OFF**

A CATIRA SE ORIGINOU NOS POVOS INDÍGENAS QUE UTILIZAVAM A DANÇA PARA SE RELACIONAR COM O DIVINO. ELA GANHOU NOVAS CARACTERÍSTICAS AO LONGO DO TEMPO E HOJE É RITMADA PELO BATE-PÉ E PELO SOM DA VIOLA.

**BG**

SOM DA CATIRA

**OFF**

CADA POUSEIRO DECIDE SE QUER O TABLADO OU NÃO. NA FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES NÃO É PERMITIDO O SOM AUTOMOTIVO E NEM O FORRÓ. DE ACORDO MARCOS MACIEL, SÓ É PERMITIDO O SOM DA VIOLA E A CATIRA.

**SONORA**

A FOLIA DAS POSSES NÃO TEM FORRÓ. É CATIRA ATÉ AMANHECER O DIA. ESSA FOLIA É BASEADA NA FOLIA ANTIGA, O MAIS TRADICIONAL POSSÍVEL. É PROIBIDO SOM AUTOMOTIVO É PROIBIDO EM QUALQUER HIPÓTESE. O SOM DA FOLIA DAS POSSES É O SOM DA DIVINDADE E O SOM DO CATIRA.

**BG**

SOM DO CATIRA

**OFF**

OS FOLIÕES FORMAM GRUPOS DE CATIRA QUE SE REVEZAM NO TABLADO. EXISTEM GRUPOS DE HOMENS E DE MULHERES. O QUE É UMA NOVIDADE QUE O TEMPO TROUXE, SEGUNDO A ANTROPÓLOGA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA LARA AMORIM.

**BG**

SOM DO CATIRA

**SONORA**

DANÇA DA CATIRA ERA UMA DANÇA DE HOMENS, AS MULHERES NÃO PODEM DANÇAR CATIRA TRADICIONALMENTE FALANDO.

**OFF**

JOAQUIM DE SOUSA CONTA QUE HOJE É DIFERENTE.

**SONORA**

HOJE NÓS TEMOS GRUPO DE HOMEM, DE CRIANÇA, DE MULHER NE. VOCÊ VAI PRA FOLIA E TEM UMA MULHER QUE QUER DANÇAR VOCÊ PÔE ELA PRA DANÇAR NE

**BG**

SOM DO CATIRA

**OFF**

A LETRA DA CATIRA É MUITAS VEZES CRIADA NA HORA PELOS VIOLEIROS. NOITE A DENTRO OS FOLIÕES SE REVEZAM NO TABLADO. OS DANÇARINOS ANDAM EM CÍRCULO ORA EM UM SENTIDO, ORA EM OUTRO, ATÉ VOLTAREM AS SUAS POSIÇÕES INICIAIS. APARTIR DAÍ TROCAM DE LUGARES E AS BATIDAS DE MÃOS E PÉS CONTINUAM.

**BG**

SOM DO CATIRA

**OFF**

A PINGA ACOMPANHA A DANÇA, APESAR DE NEM TODOS CONCORDAREM COM ISSO. LARA AMORIM COMENTA QUAL O PAPEL DA BEBIDA NESSE CONTEXTO.

**SONORA**

E A PINGA, EMBORA FOSSE PROIBIDA, ELA É UM ELEMENTO QUE DE ALGUMA MANEIRA ESTÁ SEMPRE PRESENTE NOS MOMENTOS MAIS DESCONTRAÍDOS QUE É O QUE A GENTE CHAMA DA PARTE PROFANA DA FESTA.

**OFF**

É TARDE DA NOITE E OS FOLIÕES AOS POUCOS VÃO DORMIR. O BARULHO DA FESTA DIMINUI E A DANÇA ACABA POR HOJE.

**BG**

SOM DAS PESSOAS SAINDO

**OFF**

ALGUNS FOLIÕES DORMEM EM BARRACAS. OUTROS FICAM NAS MUÇUNGAS QUE SÃO ACAMPAMENTOS MAIORES COM COZINHA E BANHEIRO. VERA LOBO É UMA FOLIÃ EXPERIENTE. ELA DIZ EM QUE MOMENTO AS MUÇUNGAS SÃO PREPARADAS.

**SONORA**

É COMO SE FOSSEM DUAS FOLIAS, UMA EQUIPE QUE VAI NO CAVALO ATRÁS DA BANDEIRA E UMA EQUIPE QUE VAI DE CARRO QUE ELES CHAMAM DE MUÇUNGA. ELES VÃO DE CARRO PARA PREPARAR QUANDO AS PESSOAS CHEGAM NO CAVALO AI JÁ TÁ TUDO PREPARADO ALI, UM BANHO...

**BG**

SOM DA CAIXA MIXADO A PASSAROS, SONS DE AMANHECER

**OFF**

O DIA JÁ AMANHECEU NA FAZENDA DE MARIA DE FÁTIMA. SÃO 6 HORAS DA MANHÃ E O CAIXEIRO JÁ ESTÁ DE PÉ. ELE É O PRIMEIRO A LEVANTAR. É O RESPONSÁVEL POR DESPERTAR OS FOLIÕES COM AS BATIDAS DA CAIXA.

**OFF**

SOM DA CAIXA MIXADO A PASSAROS, SONS DE AMANHECER

**OFF**

AOS POUCOS AS PESSOAS ACORDAM. É CEDO, MAS AS OBRIGAÇÕES JÁ COMEÇAM. A PRIMEIRA DELAS É BEIJAR A BANDEIRA. NEIDE LOPES É FOLIÃ E SABE O QUE ACONTECE NESSE MOMENTO.

**SONORA**

A GENTE AJOELHA TAMBÉM, FAZ O SINAL DA CRUZ EM RESPEITO AO RETRATO QUE REPRESENTA A DIVINDADE, O DIVINO ESPÍRITO SANTO. PEDE A GUIA DO DIA, AS BENÇÕES DO DIA.

**OFF**

DEPOIS DE BEIJAREM A BANDEIRA, O GUIA EXPLICA AOS FOLIÕES COMO SERÁ O DIA. LOGO DEPOIS É A HORA DE TOMAR O CAFÉ DA MANHÃ OFERECIDO PELOS DONOS DA FAZENDA. OS FOLIÕES COMEM E JÁ SE PREPARAM PARA REZAR NO ALTAR, QUE É A PRIMEIRA OBRIGAÇÃO DO DIA. O CANTO DURA QUASE MEIA HORA.

**BG**

CANTO NO ALTAR

**OFF**

ENQUANTO ALGUNS FOLIÕES CANTAM, MUITOS JÁ SE APROXIMAM DO LOCAL ONDE SERÁ A MISSA. O PADRE É DARCI NERES. ELE COSTUMA REZAR MISSAS NA REGIÃO DE ÁGUA FRIA EM GOIÁS. FOI CONVIDADO PARA A CELEBRAÇÃO DURANTE TODA A FOLIA DAS POSSES. NA MISSA PROCURA DIZER AS PESSOAS COMO ELAS DEVEM SE COMPORTAR NA FESTA.

**SONORA**

E AÍ NÓS FOMOS TRABALHANDO JUNTOS, TEM MUITOS FOLIÕES JÁ, MUITOS POUSEIROS QUE JÁ ACEITAM 'É PADRE, É ASSIM MESMO QUE DEVE SER, VAMOS TRABALHAR POR ESSE CAMINHO' E ESTÁ DANDO MUITOS FRUTOS.

**OFF**

AS CRIANÇAS ESPERAM O FIM DA MISSA PARA DANÇAREM A CATIRA. SÃO 15 QUE SE ACOMODAM EM CIMA DO TABLADO DE MADEIRA, O MESMO USADO NA NOITE ANTERIOR PELOS CATIREIROS. A BRINCADEIRA COM AS CRIANÇAS É PARA INCENTIVAR NOS FOLIÕES DE AMANHÃ O INTERESSE PELA FOLIA, SEGUNDO JOAQUIM DE SOUSA.

**SONORA**

VOCÊ VÊ QUE AS CRIANÇAS HOJE TEM INTERESSE DE PARTICIPAR. INCLUSIVE A FOLIA DAS POSSE QUANDO EU TO GUIANDO TODO DIA EU FAÇO A CATIRA DAS CRIANÇAS PRA INCENTIVAR. PARA QUE AQUELAS CRIANÇAS TENHAM A OPORTUNIDADE QUE EU NÃO TIVE.

**BG**

SOM DA CATIRA MIRIM

**OFF**

AS CRIANÇAS FICAM CONCENTRADAS PARA FAZER BONITO NA HORA DO SAPATEADO. A CATIRA COMEÇOU. OS VIOLEIROS ENTOAM AS BATIDAS DA MÚSICA E OS PEQUENOS BATEM COM FORÇA O PÉ NO CHÃO DO TABLADO. PARECEM SE DIVERTIR.

**BG**

SOM DA CATIRA MIRIM

**OFF**

DEPOIS, O ALMOÇO É SERVIDO. OS FOLIÕES SE ALIMENTAM E LOGO APÓS REZAM O BENDITO DE MESA. NA FOLIA É TRADIÇÃO QUE O DONO DO POUSO PEÇA PARA QUE OS FOLIÕES CANTEM PARA AS COZINHEIRAS. NA FAZENDA DE MARIA DE FÁTIMA NÃO FOI DIFERENTE.

**BG**

REZA PARA AS COZINHEIRAS

**OFF**

MARIA CARMEM COORDENOU A COZINHA NO POUSO. DURANTE O CANTORIO FICA BASTANTE EMOCIONADA

**SONORA**

É DOAÇÃO. VOCÊ VEM DESPOJADO, VOCÊ VEM, TRAZ SUAS MÃOS. E AQUI, DOS TEMPEROS, DE CADA COISA QUE VOCÊ FAZ, VOCÊ COLOCA UM POUQUINHO DE AMOR, UM POUQUINHO DE FÉ E A COMIDA SAI.

**BG**

REZA PARA AS COZINHEIRAS

**OFF**

DEPOIS DA REZA PARA AS COZINHEIRAS OS FOLIÕES SE PREPARAM PARA SEGUIR VIAGEM.

**BG**

SOM AMBIENTE

**OFF**

ANTES DE PARTIREM, O GUIA, O CONTRAGUIA E SEUS AJUDANTES VÃO PARA O ALTAR E FAZEM O CANTO DE DESPEDIDA. NELE OS FOLIÕES PEDEM BENÇÃOS À FAMÍLIA QUE OS ACOLHEU E AGRADECEM PELA HOSPITALIDADE.

**BG**

CANTO DA DESPEDIDA

**OFF**

OS FOLIÕES FORMAM UMA FILA E MARIA DE FÁTIMA REPASSA A BANDEIRA DO DIVINO PARA O ALFERES IVONIL XAVIER.

**BG**

SOM DA DESPEDIDA

**OFF**

OS ANFITRIÕES SE DESPEDEM COM MUITA EMOÇÃO. OS CAVALEIROS CANTANDO PARTEM PARA A PRÓXIMA PARADA.

**BG**

SOM DA PARTIDA

**OFF**

É QUINTA-FEIRA E OS FOLIÕES SEGUEM EM DIREÇÃO AO SEGUNDO POUSO. NESSA FOLIA AO TODO SÃO QUATRO POUSOS: OS FOLIOES IRÃO PERCORRER MAIS DE 50 QUILOMETROS NAS ESTRADAS DE TERRA. A BANDEIRA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO SEGUE SEMPRE A FRENTE ABRINDO CAMINHO PARA AS BENÇÃOS.

**BG**

SOM DOS CAVALOS COM ALGUM CANTORIO

**OFF**

CONFIRA NO PRÓXIMO PROGRAMA O ENCERRAMENTO DA FESTA!

5º PROGRAMA

Nome Série: Folia do Divino Espírito Santo. Caminhos de fé e tradição.

Número e Título do programa: nº 5 – As bençãos finais da Folia do Divino Espírito Santo

Redação e Produção: Lorena Santana

**TEC: VINHETA DE ABERTURA**

AS BENÇÃOS FINAIS DA FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

**OFF**

A FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES CHEGA AO FIM. DEPOIS DE VÁRIOS QUILOMETROS NO GIRO E A VISITA A QUATRO POUSOS, OS FOLIÕES ESTÃO NA ULTIMA FAZENDA ONDE SERÁ O ENCERRAMENTO DA FESTA. É O MOMENTO DAS BENÇÃOS FINAIS.

**OFF**

NO ENTORNO DO DISTRITO FEDERAL ALGUMAS FOLIAS DURAM MAIS DE UMA SEMANA E OUTRAS CERCA DE UM MÊS INTEIRO. A FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES DUROU CINCO DIAS NO MÊS DE JULHO. FORAM MAIS DE CINQUENTA QUILOMETROS PERCORRIDOS EM ESTRADAS DE TERRA.

**BG**

SOM DE VIOLA CAIPIRA

**OFF**

NO TOTAL, QUATRO FAMILIAS RECEBERAM A FOLIA. CADA UMA OFERECEU COMIDA E DESCANÇO AOS FOLIÕES.

**BG**

SOM DE VIOLA CAIPIRA

**OFF**

AS OBRIGAÇÕES FORAM AS MESMAS EM TODOS OS POUSOS. MAS, A PESAR DISSO, HOUVE MUDANÇAS EM ALGUNS DETALHES. UM DELES FOI NO MOMENTO DA ENTRADA DOS FOLIÕES NAS FAZENDAS.

**BG**

SOM DOS CAVALOS

**OFF**

A PARTIR DO SEGUNDO POUSO, OS FOLIÕES DESENHARAM UM CORAÇÃO COM OS CAVALOS ASSIM QUE ENTRAVAM.

**BG**

SOM DOS CAVALOS.

**OFF**

PARA ISSO, OS CAVALEIROS SE ORGANIZAVAM EM FILA DUPLA. AOS POUCOS A FILA SE DESFAZIA E DESENHAVA UM CORAÇÃO. A ORIGEM DO DESENHO É DESCONHECIDA, COMO CONTA JOAQUIM DE SOUSA, UM DOS CRIADORES DA FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES.

**SONORA**

O CORAÇÃO O SIGNIFICADO CERTO A GENTE NÃO SABE POR QUE OS ANTIGOS NÃO ENSINARAM. MAS QUANDO A GENTE ERA CRIANÇA, VIU AS PESSOAS MAIS VELHAS FAZEREM. ENTÃO A GENTE PEGOU AQUELA TRADIÇÃO ANTIGA E AQUELA TRADIÇÃO TA ATÉ HOJE.

**BG**



SOM DOS CAVALOS

**OFF**

EMBORA A ORIGEM DA TRADIÇÃO SEJA DESCONHECIDA, EXISTEM ALGUMAS PISTAS. ESCRITURAS SAGRADAS DESCOBERTAS NA ÍNDIA ANTERIORES A CRISTO, RELATAM QUE O CORAÇÃO REPRESENTA O LUGAR ONDE RESIDE O ESPÍRITO SANTO NOS HOMENS.

**BG**

SOM DE VIOLA CAIPIRA MIXADA COM ALGUM CANTORIO

**OFF**

OUTRO DETALHE QUE PODE MUDAR NAS FOLIAS, SÃO OS ACAMPAMENTOS. EM ALGUNS POUSOS, O ACAMPAMENTO É PEQUENO E O SOM AMBIENTE É APENAS O DAS CONVERSAS ENTRE OS FOLIÕES E DO TOQUE DAS VIOLAS. MAS EM OUTROS PODE HAVER GRANDES ACAMPAMENTOS ONDE CENTENAS DE PESSOAS ESCUTAM O SOM AUTOMOTIVO QUE TOCA MÚSICAS EM ALTO VOLUME.

**BG**

SOM AMBIENTE

**OFF**

O QUE DETERMINA COMO SERÁ O POUSO É O COMANDO DOS ORGANIZADORES E DA FAMILIÃ ANFITRIÃ. MUITAS VEZES O SOM E O ÁLCOOL SÃO PROIBIDOS, MAS MESMO ASSIM É DIFÍCIL CONTROLAR.

**BG**

SOM AMBIENTE

**OFF**

A MISTURA DE MÚSICAS NÃO AGRADA A FOLIÃ VERA LOBO.

**SONORA**

MUITAS VEZES A GENTE TA NA FOLIA E FICAM DUAS FOLIAS, OS DEVOTOS E OS NÃO TÃO DEVOTOS QUE SÃO AS PESSOAS QUE FICAM BEBENDO, CORRENDO DE CAVALO, PARA LA PARA CA, NÃO PARTICIPA DAS CANTORIAS, NÃO PARTICIPA DAS ATIVIDADES DA GENTE COMO FOLIÃO.

**OFF**

QUEM VEM PARA A FOLIA SÓ POR DIVERSÃO NEM SEMPRE É BEM VISTO, COMO OBSERVA MARCOS MACIEL

**SONORA**

DEVIDO AO CRESCIMENTO ALGUMAS PESSOAS VÃO NA FOLIA PELA DIVERSÃO. PODE TER MIL PESSOAS NA FAZENDA, MAS SE NÃO TIVER O GUIA, O ALFERES, O CAIXEIRO, O REBEQUISTA, O PANDIREIRO, NÃO TEM A FOLIA. TEM UMA FESTA, NÃO TEM A FOLIA.

**BG**

SOM AMBIENTE

**OFF**

QUINCA RIBEIRO É FOLIÃO HÁ MAIS DE TRINTA ANOS. VIU DE PERTO COMO A FESTA SE POPULARIZOU E PASSOU A ATRAIR PÚBLICOS DIFERENTES.

**SONORA**

TEM JOVEM QUE AS VEZES PENSA ASSIM, EU PENSO, AS VEZES PODE PENSAR QUE ELES “VAI” PARA O CARNAVAL E LÁ É BAGUNÇADO. MAS É FALTA DE EXPLICAÇÃO PARA ELES.

**OFF**

A BEBIBA ERA PROIBIDA NA FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES. MAS MUITOS NÃO RESPEITARAM. JOAQUIM DE SOUSA UM DOS CRIADORES DA FESTA, ACHA QUE A BEBIDA É PREJUDICIAL.

**SONORA**

AGORA A BEBIDA ELA EXISTE, É TRADIÇÃO, MAS NÃO É CERTO NE? PORQUE SE VOCÊ TA ACOMPANHANDO O ESPÍRITO SANTO, VOCÊ TA ALI PRA REZAR, PARA PEDIR, EU ACHO QUE COM A BEBIDA PRA MIM, REALMENTE É COMPLETAMENTE O CONTRÁRIO NE?

**OFF**

É DIFÍCIL EVITAR O CONSUMO DIZ JOAQUIM.

**SONORA**

MAS CADA UM TEM SUA BEBIDA GUARDADA NO SEU CAVALO, NO SEU CARRO, ENTÃO FICA DIFÍCIL CONTROLAR. É UMA PARTE QUE DEPENDE DE CADA UM MESMO NE. EU SOU COMPLETAMENTE CONTRA A BEBIDA.

**OFF**

PADRE DARCI NERES CONCORDA QUE É DIFÍCIL CONTROLAR A BAGUNÇA, MAS NÃO IMPOSSÍVEL.

**SONORA**

QUER DIZER, A GENTE PRECISA DA AJUDA DE TODO MUNDO. DO POUSEIRO, DO GUIA, DO CONTRA-GUIA, DE TODO MUNDO. SE TODO MUNDO COMEÇAR A FAZER O TRABALHO, DAQUI A POUQUINHO A GENTE AÍ A 90% DE EVANGELIZAÇÃO, DE BENÇÃO, DE GRAÇA, DE LOUVOR. MAS TEM QUE COOPERAR, TODO MUNDO TEM QUE COOPERAR.

**OFF**

NAS MISSAS DURANTE OS FESTEJOS, O PADRE TENTA CONSCIENTIZAR OS FOLIÕES

**SONORA**

NAS MISSAS TAMBÉM EU VOU EVANGELIZANDO. VOU FALANDO SOBRE DEUS, SOBRE O ESPÍRITO SANTO, DAS NORMAS DA IGREJA, E AS PESSOAS VÃO COMPREENDENDO.

**OFF**

QUINCA RIBEIRO CONCORDA COM O PADRE DARCI.

**SONORA**

ESTÁ REZANDO E OUTRO ESTÁ LÁ BEBENDO, GRITANDO, ATRAPALHANDO QUEM QUER ASSISTIR

**OFF**

MUITAS VEZES A DEVOÇÃO FICA EM SEGUNDO PLANO DIZ JOAQUIM DE SOUSA

**SONORA**

PORQUE É DIFÍCIL VOCÊ MUDAR A CABEÇA DAS PESSOAS, ENTÃO TEM COISAS QUE ACONTECE QUE NÃO É NEM PELO GOSTO DA GENTE E A GENTE TAMBÉM NÃO TEM COMO MUDAR.

**OFF**

A ANTROPÓLOGA DA UNIVERSIDADE DA PARAÍBA LARA AMORIM COMENTA SOBRE A REALIDADE DOS JOVENS QUE VÃO PARA A FOLIA.

**SONORA**

HOJE OS JOVENS QUEREM DANÇAR FORRÓ, NÃO QUEREM DANÇAR CATIRA, ENTENDEU? PORQUE O FORRÓ VEM DA INDÚSTRIA FONOGRÁFICA MASSIVA, DAS DUPLAS SERTANEJAS E ESSAS DUPLAS ACABAM OCUPANDO O IMAGINÁRIO DOS JOVENS E NINGUÉM QUER DANÇAR CATIRA QUE É DANÇA DE VELHO.

**OFF**

MAS NEM TODOS OS JOVENS PENSAM ASSIM. IAGO LIMA TEM 19 ANOS E É CAIXEIRO NA FOLIA. TODAS AS NOITES DANÇOU CATIRA E DURANTE O DIA CUMPRIU AS OBRIGAÇÕES DE FOLIÃO.

**SONORA**

SE A GENTE DEIXAR A TRADIÇÃO MORRE NE? TEM QUE APROVEITAR OS JOVENS. NÓS TEMOS UM GRUPO DE CATIRA. MUITOS JOVENS DANÇAM CATIRA SÓ QUE FOLIÃO DE FRENTE, SE VOCÊ FOR VER, TÊM POUCOS.

**BG**

MUSICA VIOLA CAPIRA

**OFF**

A PESAR DE NÃO SEREM MUITOS, EXISTEM OUTROS JOVENS COM OS MESMOS INTERESSES DE IAGO. NA FOLIA DA REGIÃO DAS POSSES DE DOIS MIL E TREZE, O ALFERES SERA UM ADOLESCENTE. MURILO DE SOUSA DE APENAS TREZE ANOS. ELE É NETO DE UM CONHECIDO FOLIÃO, ODERICO DE SOUSA.

**SONORA**

EU ENTREI AQUI NA FOLIA POR CAUSA DO MEU VÔ, DO MEU PADRINHO, PORQUE QUANDO O MEU PADRINHO GUIOU, E O VÔ QUINCA TIRARAM A FOLIA EM 2008, EU GOSTEI, EU ME INTEREI E PEDI PARA COLOCAR O NOME NA LISTA.

**OFF**

NAQUELE MESMO ANO MURILO COLOCOU SEU NOME, MAS SÓ CONSEGUIU VAGA PARA SEIS ANOS DEPOIS. MAS SERÁ ALFERES ANTES DISSO. ELE EXPLICA.

**SONORA**

TINHA A VAGA PARA DOIS MIL E CATORZE, SÓ QUE ACONTECEU UMA DESISTÊNCIA E EU PASSEI PARA DOIS MIL E TREZE.

**OFF**

O MENINO É TÍMIDO MAS ISSO NÃO PARECE IMPEDI-LO DE CARREGAR ESTA RESPONSABILIDADE. PARECE BASTANTE ANIMADO.

**SONORA**

ESTÁ TODO MUNDO CONVIDADO, A FOLIA VAI SER DE TODOS.

**BG**

SOM DO CATIRA MIXADO COM DA VIOLA

**OFF**

NOS FOLIÕES É FÁCIL PERCEBER A SATISFAÇÃO DE VER ALGUÉM TÃO JOVEM NO GRUPO DE FRENTE DA FOLIA. O AVÔ DE MURILO ACHA MUITO IMPORTANTE A PARTICIPAÇÃO DOS MAIS NOVOS.

**SONORA**

A GENTE TEM QUE IR INCENTIVANDO AS PESSOAS MAIS NOVAS. OS VELHOS NÃO AGUENTAM. NO MEU CASO MESMO JÁ TO QUASE NÃO CONSEGUINDO PARTICIPAR MAIS NE. SE OS JOVENS NÃO PARTICIPAREM, A TRADIÇÃO VAI ACABANDO NE?

**OFF**

A TRADIÇÃO DA FOLIA É PASSADA DE PAI PARA FILHO. MARCOS MACIEL ACREDITA QUE SE OS MAIS ANTIGOS NÃO DEREM OPORTUNIDADE AOS MAIS NOVOS, SERÁ O FIM DA FESTA.

**SONORA**

AS CRIANÇAS CHEGAM E A GENTE FAZ QUESTÃO DE ENSINAR PORQUE SENÃO A FOLIA ACABA. TEM MUITOS FOLIÕES QUE ESTÃO COM SETENTA ANOS, OITENTA ANOS. JÁ PENSOU SE ELES NÃO ENSINASSEM PARA OS JOVENS? A FOLIA ACABARIA ALI.

**OFF**

JOAQUIM FICOU MUITO FELIZ COM A INICIATIVA DE MURILO

**SONORA**

OLHA AÍ QUE COISA MARAVILHOSA NÓS VEMOS ESSE RAPAZ AI PARTICIPANDO, VAI SER O ALFERES DO ANO QUE VEM. QUANDO EU COMECEI A PARTICIPAR DE FOLIA EU SE UM MENINO DESSE ENCOSTASSE EM UM INSTRUMENTO DAQUELE, OS REGENTES CHEGAVAM, TOMAVAM E FALAVAM: VAI PARA LÁ, VAI PROCURAR SEU PAI RAPAZ.

**BG**

MUSICA VIOLA CAPIRA

**OFF**

A MANEIRA COMO OS JOVENS VÃO SEGUIR A TRADIÇÃO IRÁ DETERMINAR QUAIS SERÃO AS CARACTERÍSTICAS DA FESTA DAQUI PARA FRENTE. É O QUE DIZ A ANTROPÓLOGA LARA AMORIM

**SONORA**

VAI DEPENDER MUITO DOS JOVENS QUE VÃO CONTINUAR FAZENDO AQUELA FESTA. SE NÃO FOR IMPORTANTE VAI FICANDO DE LADO VAI FICANDO CADA VEZ MAIS ESPETACULAR.

**OFF**

O GUIA DO PRÓXIMO ANO SERÁ JOAQUIM. PRA ELE, O FUTURO DA FOLIA NÃO ESTÁ APENAS NAS MÃOS DOS JOVENS, MAS TAMBÉM DEPENDE NO ESFORÇO DE TODOS. NO ÚLTIMO DIA DA FOLIA, APÓS A MISSA DE ENCERRAMENTO, JOAQUIM FALOU AOS FOLIÕES.

**SONORA**

NÓS NÃO PODEMOS ESTACIONAR. AINDA TEM UMAS COISINHAS AINDA QUE TEM QUE SER AJUSTADAS. E PARA AJUSTAR ESSAS COISINHAS PRIMEIRAMENTE NÓS TEMOS QUE PEDIR A DEUS E DEPOIS A COLABORAÇÃO DE TODOS VOCÊS.

**BG**

SOM DO SOLO DE VIOLA

**OFF**

O ENCERRAMENTO É UM DOS PONTOS ALTOS DA FESTA E ACONTECE LOGO DEPOIS DA ÚLTIMA MISSA NO DOMINGO. NELE, O GUIA E O ALFERES FALAM AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE AGRADECIMENTO AOS FOLIÕES. ALÉM DISSO, A EQUIPE

DO PRÓXIMO ANO SE APRESENTA. O ALFERES IVONIL XAVIER COM A VOZ EMBARGADA DISCURSOU SOBRE O QUE FOI PARTICIPAR DA FOLIA.

**SONORA**

MUITAS VEZES EU ME SENTI COMO UM CORONEL, COMANDANTE DA TROPA. ERA O PRIMEIRO A JANTAR, O PRIMEIRO A TOMAR CAFÉ E ESTOU AQUI SENTINDO QUE SAI COM ESTA TROPA, COM ESSE EXÉRCITO, NÃO PARA A GUERRA. MAS PARA LEVAR A PAZ AOS LARES POR ONDE PASSAMOS.

**OFF**

ENQUANTO IVONIL FALAVA, OS FOLIÕES ESCUTAVAM ATENTOS. EM MUITOS ERA POSSÍVEL VER A EMOÇÃO QUE SENTIAM.

**SONORA**

MAS EU SAIO DAQUI MUITO ALEGRE PORQUE MINHA MISSÃO FOI CUMPRIDA. MUITO OBRIGADO.

**OFF**

DEPOIS DAS PALAVRAS FINAIS, COMEÇA A ÚLTIMA OBRIGAÇÃO DA FOLIA. É A HORA DA ENTREGA DA BANDEIRA PARA A EQUIPE DO PRÓXIMO ANO. É A DESALVORADA DA FOLIA.

**BG**

SOM DA DESPEDIDA

**OFF**

A DESALVORADA É UM DOS MOMENTOS MAIS EMOCIONANTES. OS FOLIÕES CANTAM E AGRADECEM AO DIVINO E A TODA A COMUNIDADE O SUCESSO DE MAIS UMA FOLIA QUE SE ENCERROU.

**BG**

SOM DA DESPEDIDA

**OFF**

DE UM EM UM, OS FOLIÕES SE AJOELHAM E BEIJAM A BANDEIRA DO DIVINO. DE OLHOS FECHADOS AGRADECEM AS BENÇÃOS CONCEDIDAS.

**BG**

SOM DA DESPEDIDA

**OFF**

QUANDO O ÚLTIMO FOLIÃO BEIJA A BANDEIRA, A FOLIA É OFICIALMENTE ENCERRADA. É HORA DE VOLTAR PARA CASA.

**BG**

SOM DA DESPEDIDA

**OFF**

MAS UMA FOLIA QUE ACABA. NOS ROSTOS SE VÊ CANSAÇO, MAS NUNCA DESÂNIMO OU VONTADE DE PARAR. É POSSÍVEL ESCUTAR NAS CONVERSAS OS PLANOS PARA A FOLIA DO PRÓXIMO ANO. A FESTA VAI EMBORA, MAS DEIXA PARA TRÁS CAMINHOS DE TRADIÇÃO E FÉ.

PRODUÇÃO, REDAÇÃO E APRESENTAÇÃO: LORENA SANTANA

ORIENTAÇÃO: NÉLIA DEL BIANCO

SONOPLASTIA: JOSEVALDO E JUNIOR